

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**

**Tayná Meireles de Moraes**

**UMA LEITURA DO PROGRAMA CURUMIM SESC  
TAUBATÉ: A VOZ DE SEUS EGRESSOS**

**Taubaté – SP**

**2020**

**Tayná Meireles de Moraes**

**UMA LEITURA DO PROGRAMA CURUMIM SESC  
TAUBATÉ: A VOZ DE SEUS EGRESSOS**

Trabalho de Graduação apresentado ao departamento de Pedagogia da Universidade de Taubaté como parte da avaliação para obtenção do Certificado de licenciatura em Pedagogia.

Área: Educação

Orientador: Prof. Dr. Silvio Luiz da Costa

**Taubaté – SP**

**2020**

**Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi  
Universidade de Taubaté - UNITAU**

M827u Morais, Tayná Meireles de

Uma leitura do Programa Curumim Sesc Taubaté: a voz de  
seus egressos / Tayná Meireles de Morais. -- 2020.

95 f. : il.

Monografia ( graduação) - Universidade de Taubaté,  
Departamento de Pedagogia, 2020.

Orientação: Prof. Dr. Sílvio Luiz da Costa, Departamento de  
Pedagogia.

1. Educação não formal. 2. Programa Sesc Curumim.  
3. Formação do sujeito. 3. Memórias. I. Universidade de Taubaté.  
Departamento de Pedagogia. Curso de Pedagogia. II. Título.

CDD – 370

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ - DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA

TRABALHO DE GRADUAÇÃO – TG/2020

FICHA DE AVALIAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

**Tayná Meireles de Moraes**

**Uma leitura do programa curumim Sesc Taubaté a partir da voz de egressos**

**02/12/2020**

**AVALIAÇÃO**

Apreciar os itens abaixo e atribuir pontuação de 0,0 (zero) a 10,0 (dez) – podendo fracionar.

	NOTAS		
	ORIENTADOR	1º MEMBRO	2º MEMBRO
<b>1 – APRESENTAÇÃO GERAL</b> Constituição e organização interna (divisão e subdivisão); normas técnicas (referências e citações); apresentação gráfica (aspectos gráfico-visuais)	10	10	10
<b>2 – COMUNICAÇÃO ESCRITA</b> Linguagem (aspectos normativos, coesão e coerência, clareza, concisão, articulação/concatenação das partes)	10	10	10
<b>3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> O problema (contextualização e delimitação); objetivos (procedimentos/instrumentos); desenvolvimento das propostas e coleta de dados	10	10	10
<b>4 – APRESENTAÇÃO ORAL</b> Comunicação e expressão oral (linguagem, postura, domínio dos recursos audiovisuais); articulação e apresentação (introdução, desenvolvimento, conclusão)	Aluno 1	10	10
	Aluno 2		

<b>Total de Pontos – Aluno 1</b>		
10	10	10
<b>Total de Pontos – Aluno 2</b>		

Média final do Aluno 1	10
Média final do Aluno 2	



**Orientador:** Prof. Dr. Silvio Luiz da Costa



**1º Membro:** Profa. Ms. Cleusa Vieira da Costa



**2º Membro:** Prof. Me. Tarcio Leal Pereira

## **AGRADECIMENTOS**

A minha família por sempre acreditar em meu potencial, especialmente a minha querida madrinha e avó por contribuir para a realização desse sonho.

Ao meu orientador, professor Silvio Luiz da Costa, por todas as partilhas, incentivo, paciência e toda dedicação que foi indispensável durante essa curta jornada. Estendo a mesma gratidão à professora Cleusa Vieira da Costa, por se tornar minha coorientadora, não só durante a pesquisa, mas durante toda a graduação. Serei eternamente grata aos dois!

Aos professores da Universidade que serão minhas eternas inspirações!

Ao Sesc por contribuir para a minha formação, não só acadêmica, mas também pessoal.

Aos educadores Amanda, Álvaro, Mariana, Maíra, Raquel, Sarai por oportunizarem diferentes vivências e compreensões sobre educação. Agradeço também Diego e Tarcio, por acompanharem grande parte do processo de elaboração da pesquisa e por expandir meus horizontes como educadora e pessoa.

A minha chefe, Bruna que em meio a correria cotidiana sempre encontrava formas para ajudar e incentivar.

A minhas amigas, Ana Gabriéle e Ana Rafaéle que não me deixaram desanimar e que nos momentos mais difíceis me apoiaram.

A todos que participaram da pesquisa, direta ou indiretamente, minha sincera gratidão.

## RESUMO

Esta pesquisa busca compreender as contribuições que a participação em espaços de educação não formal tem no processo formativo dos indivíduos. A partir da memória de egressos do Programa Curumim do Sesc de Taubaté refletiu-se sobre as oportunidades e repercussões que a participação no Programa teve no desenvolvimento dos sujeitos. Entre os fundamentos teóricos da pesquisa destacam-se os estudos sobre educação não formal de Gadotti (2005) e Gohn (1998, 2004, 2006, 2014) e os estudos de Bourdieu (2007) sobre capital social. Compõe ainda a pesquisa bibliográfica e documental estudos sobre o Programa Curumim do Sesc. Em um segundo momento, realizou-se uma pesquisa de campo, na qual fez-se uso de questionários para aproximação até os egressos, seguida de entrevistas semiestruturadas com quatro egressos do Programa Curumim do Sesc de Taubaté. Os dados construídos na pesquisa de campo foram sistematizados e analisados a partir do referencial teórico levantado na pesquisa bibliográfica. A pesquisa apontou para o reconhecimento da significância dos espaços de educação não formal, com destaque para o papel educativo do Programa Curumim do Sesc. A análise das falas dos egressos permitiu destacar a relação com a instituição enquanto espaço de educação informal e não formal, e que a participação em espaços de educação, institucionalizados e não escolarizados podem contribuir e repercutir na formação do sujeito.

**Palavras-chave:** Educação não formal. Programa Curumim. Formação do sujeito. Memórias.

## **ABSTRACT**

This research understands how contributions that participation in non-formal education spaces have in the requirements training process. From the memory of graduates of the Curumim do Sesc de Taubaté Program, the opportunities and repercussions that participation in the Program had on the development of the subjects were reflected on. Among the theoretical foundations of the research, Gadotti (2005) and Gohn (1998, 2004, 2006, 2014) and Bourdieu's (2007) studies on social capital stand out. It also comprises a bibliographical and documentary research on the Curumim do Sesc Program. In a second step, a field research was carried out, in which questionnaires were used to approach the graduates, followed by a semi-structured change with four graduates of the Curumim do Sesc de Taubaté Program. The data constructed in the field research were systematized and propagated from the theoretical framework raised in the bibliographic research. The research pointed to the recognition of the significance of non-formal education spaces, with emphasis on the educational role of the Curumim do Sesc Program. An analysis of the speeches of the graduates highlighted in relation to the institution as a space for informal and non-formal education, and that participation in educational spaces, institutionalized and not schooled can contribute and have repercussions in the formation of the subject.

Keywords: Non-formal education. Curumim Program. Subject formation. Memoirs.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1- Total de respostas .....	39
------------------------------------	----

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Tempo de participação .....	40
--	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1 – PROGRAMA CURUMIM SESC TAUBATÉ: UM ESPAÇO DE EDUCAÇÃO</b> .....	<b>11</b>
1.1 O DIREITO À EDUCAÇÃO .....	11
1.2 EDUCAÇÃO: FORMAL, INFORMAL E NÃO FORMAL .....	16
1.3 PROGRAMA CURUMIM SESC TAUBATÉ .....	24
<b>CAPÍTULO 2- AS CONTRIBUIÇÕES DA MEMÓRIA E O PERCURSO ATÉ OS EGRESSOS</b> .....	<b>33</b>
2.1 MEMÓRIA.....	33
2.2 ENTREVISTA.....	36
2.3 PERCURSO ATÉ OS EGRESSOS .....	37
<b>CAPÍTULO 3 – DIFERENTES LEITURAS SOBRE O PROGRAMA SESC CURUMIM</b> .....	<b>43</b>
3.1 RELAÇÃO COM O SESC .....	43
3.2 CONTRIBUIÇÕES E REPERCUSSÕES DA PARTICIPAÇÃO NO PROGRAMA CURUMIM.....	46
3.3 RELAÇÃO DAS EGRESSAS COM A ESCOLA E O CURUMIM.....	55
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>62</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>66</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>70</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa analisa a contribuição do Programa Curumim do Sesc de Taubaté no processo formativo de seus participantes. Neste intuito, visita a memória de egressos, pessoas que tiveram a oportunidade de participar do Programa nas idades de 7 a 12 anos e, atualmente adultas, podem compartilhar suas memórias sobre essa fase.

A aproximação com esta temática ocorre quando, ao adentrar como estagiária no Serviço Social do Comércio (SESC) de Taubaté, observo a atuação dos educadores em proporcionar espaços com vivências lúdicas a fim de garantir o desenvolvimento integral tendo em vista a promoção da saúde e da cidadania, utilizando atividades físicas, esportivas, artísticas e socioambientais. Essa motivação se ampliou após ter a oportunidade de conhecer egressos do Programa que continuaram a frequentar o Sesc, alguns sendo familiares de crianças participantes, e esses relatavam comentários sobre o quanto foi significativo em suas trajetórias a participação no Programa Curumim.

A atuação como estagiária no Programa me despertou para o reconhecimento da importância dos espaços de educação não formal no processo formativo, fomentando uma curiosidade para aprofundamento desta temática. Ao mesmo tempo esta possibilidade caminhava na direção de estudos realizados na formação acadêmica que apontavam para uma concepção ampliada de educação. Destaca-se neste sentido, primeiramente, as contribuições de Brandão (1986, p. 7) ao afirmar que “ninguém escapa da educação” e que esta acontece de forma plural e em diferentes lugares. Nesse sentido, a pesquisa buscou retratar a partir das memórias dos egressos as contribuições e repercussões do Programa Curumim para o processo formativo dos participantes. O que me levou a questionar: quais as memórias que esses egressos trazem consigo? De que atividades participaram e porque foram tão significativas? Seriam essas memórias que os levaram a continuar a frequentar a instituição e a incentivar a participação das crianças de seu círculo de proximidade? Quais oportunidades a participação no Programa possibilitou? Enfim, chega-se à questão principal deste trabalho: O que a participação no Programa Curumim do Sesc – Taubaté significou para a trajetória acadêmica, profissional e pessoal de seus egressos?

A memória autobiográfica permite compreender parte do contexto no qual o indivíduo e o grupo estavam inseridos, assim, as vozes dos egressos trouxeram elementos para a construção de uma leitura sobre o Programa Curumim de Taubaté. A hipótese inicial foi que a participação ao Programa Curumim desempenhou um papel significativo na formação dos indivíduos enquanto cidadãos, complementando outros processos educativos e contribuindo para a formação integral dos egressos.

A primeira parte da pesquisa consistiu em uma revisão da literatura com o intuito de compreender a pluralidade da educação, reconhecendo suas modalidades (formal, informal e não formal) e a garantia enquanto direito social, focando no trabalho exercido pelo Sesc, especialmente com o Programa Curumim. Em um segundo momento, realizou-se uma pesquisa de campo<sup>1</sup> na qual foi disparado o questionário *online* que funcionou como meio para aproximação dos sujeitos da pesquisa. Após análise das respostas, foi feito o contato com os 4 primeiros respondentes egressos do Sesc de Taubaté que se disponibilizaram para a entrevista. O critério utilizado para a amostra foi a participação no Programa Curumim de Taubaté e que os egressos fossem maiores de 18 anos. Além do uso do questionário, foi utilizado o roteiro semiestruturado como instrumento para coleta de dados da entrevista. Por fim, as entrevistas foram transcritas, as informações foram analisadas tendo como parâmetro a pesquisa realizada por Costa (2016) e relacionadas com os levantamentos teóricos da pesquisa bibliográfica.

O trabalho está dividido em três capítulos:

O primeiro, consiste na pesquisa bibliográfica que buscou compreender a vasta abrangência da educação e sua afirmação como direito. Voltando-se principalmente para o reconhecimento das modalidades de educação (formal, informal e não formal) e seguindo para o percurso histórico do Sesc, desde a sua inauguração e primeiras contribuições sociais, até o lançamento do Programa Curumim a partir do Programa Integrado de Desenvolvimento Infantil (PIDI).

O segundo capítulo traz os caminhos da pesquisa, enfatizando inicialmente o processo de escuta e o acesso a memória como recurso de valorização da trajetória dos sujeitos. Posteriormente, é detalhada a metodologia empregada para o contato com os egressos.

---

<sup>1</sup> Aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, por meio do cadastro na Plataforma Brasil, pelo parecer de número: 4.075.504

Por fim, o terceiro capítulo trata da análise dos dados levantados na pesquisa de campo, interpretando as respostas dos questionários e das entrevistas a partir do aporte teórico da pesquisa bibliográfica.

## **CAPÍTULO 1 – PROGRAMA CURUMIM SESC TAUBATÉ: UM ESPAÇO DE EDUCAÇÃO**

A educação é um conceito amplo interligado a diversos contextos, habitualmente sendo relacionado aos cenários escolares e/ou familiares. Os significados atribuídos cotidianamente ao termo educação são acompanhados de diferentes olhares, permeados pelo modo de vida e valores de cada povo. Quando consideramos a educação em sua pluralidade ampliamos a percepção sobre seu papel na sociedade. Brandão (1986) reflete sobre não haver uma única forma e modelo de educar, utilizando o termo “educações”, afirmando que a educação que pode atender às necessidades de um povo, pode não atender a de outro. Dessa forma, o trecho da carta dos índios das Seis nações citado em seu livro, reforça essa reflexão. Visto que os índios são convidados para estudar em escolas norte-americanas e rejeitam, após considerarem que a educação dos brancos não era útil para o seu povo.

Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes das coisas e, sendo assim os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa ideia de educação não é a mesma que a nossa (p. 8).

Este relato mostra que a educação permeada pelos valores de cada sociedade não é neutra e nem imutável. Ou seja, toda educação tem convicções que defende, constrói, reproduz e essas alteram-se no tempo e no espaço. Cada grupo desempenha o papel de formar pessoas motivado por perspectivas próprias dos contextos nos quais estão inseridos. Isto é, projeta modos de ser e agir, de reconhecer a si e ao outro. A educação pode acontecer de diferentes modos manifestando os ideais de um grupo ou um povo, o que nem sempre ocorre de forma perceptível. Em outras palavras, os ideais de um grupo ou povo por vezes é manifestado na forma de agir, mas nem sempre isso acontece de forma consciente.

### **1.1 O direito à educação**

Para compreender melhor a educação e o papel que ela exerce em nossa sociedade, precisamos considerar a que e a quem se destina. Retomando a obra de Brandão (1986, p. 11), que apresenta a concepção de educação de modo mais

abrangente e afirma que ela tem forças e fraquezas que produzem e reproduzem formas de ser e agir no mundo. O autor declara que: “Ela ajuda a pensar tipos de homens. Mais do que isso, ela ajuda a criá-los, através de passar de uns para os outros o saber que os constitui e legitima”. Ou seja, a educação atua diretamente na construção da sociedade e/ou reprodução.

Assim sendo, podemos presumir que nos encontramos em constante processo educativo, somos educados e reeducados a todo momento, é um processo cíclico e contínuo que passa entre gerações, culturas e ambientes. A educação acontece entre todos mediante a trocas constantes, ocorre em tempos e espaços diferentes a partir da relação com o meio e com o “outro”. Continuando essa linha de interpretação, Brandão afirma que “A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade” (1986, p. 10). Dessa forma, podemos dizer que a educação se apresenta de diferentes formas, ora como uma invenção da sociedade e ora como construtora da sociedade. Sendo ela, responsável pela formação humana.

Entre os autores que refletem a educação e a formação humana temos Paulo Freire, um educador e filósofo que inspirou diversos autores e profissionais da área. Segundo Freire (2013), quando há a consciência do inacabamento, há também a possibilidade de ir além dele, devido a consciência do indivíduo sobre si mesmo e a sua condição. Ou seja, considerando que somos seres inacabados e condicionados, e que estamos em permanente processo de desenvolvimento atribui-se a educação o ofício da construção da humanidade. Inacabados, pois estamos em constante construção e reconstrução de valores, aprendizados, atitudes. Condicionados, porque há uma sociedade já edificada, na qual os aprendizados são para a convivência dentro dela.

Freire (2013) chama a atenção para a oportunidade de ter consciência dessas circunstâncias e nos mostra que é possível ir além delas. Refletindo e reconstruindo a humanidade a partir da educação. Nessa mesma direção segue Brandão ao declarar:

Na espécie humana a educação não continua apenas o trabalho da vida. Ela se instala dentro de um domínio propriamente humano de trocas: de símbolos, de intenções, de padrões de cultura e de relações de poder. Mas, a seu modo, ela continua no homem o trabalho da natureza de fazê-lo evoluir, de torná-lo mais humano (1986, p. 14).

Reconhecendo a função humanizadora da educação podemos destacar a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), que em 1948 solicitou que as nações se responsabilizassem em promover direitos inalienáveis aos seus cidadãos. Para isso utilizou como ponto de partida a educação, para que assim os cidadãos das nações além de terem seus direitos garantidos fossem conscientizados sobre eles. O que nos convida a compreender a importância do direito à educação na conscientização e garantia de outros direitos, sendo assim, um direito que pode abrir portas para outros.

Como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade, tendo sempre em mente esta Declaração, se esforce, através do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades (ONU, 1948).

Nesse processo de realização dos direitos, a Declaração aponta para uma distinção e complementaridade entre o ensino e a educação. O ensino é um processo sistematizado que busca o aprendizado dos indivíduos, àquele que ensina cabe a busca por estruturar, adaptar, reformular para que os indivíduos encontrem condições para aprender, o que não garante que o aprendiz aprenda, mas, trata-se do empenho para que isso ocorra. Já a educação abrange o ato de ensino e aprendizagem, há a intencionalidade por aprender e ensinar. É o processo de desenvolvimento das faculdades humanas.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos buscou propagar um viés esperançoso para as nações, visto as consequências que as guerras trouxeram para humanidade e para isso, determinou ideais comuns. A educação foi compreendida como meio para atingir os objetivos propostos, demonstrando a necessidade de que essa fosse uma realidade alcançada a favor da conscientização dos ideais da Declaração, de modo que atingissem a todos os indivíduos da nação de forma efetiva e significativa.

A Declaração de Jomtien<sup>2</sup>, derivada da Conferência Mundial sobre Educação para Todos relatou que apesar da DUDH ter afirmado o direito à educação e a necessidade de medir esforços em direção a assegurar esse direito, as realidades que se apresentavam ainda no século XX eram distantes das almeçadas. Com isso, sendo

---

<sup>2</sup> A Declaração de Jomtien aprovada pela Conferência Mundial sobre Educação para Todos ocorreu em Jomtien, na Tailândia de 5 a 9 de março de 1990. A Declaração visava satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem solicitando o comprometimento das nações participantes em garantir o cumprimento dos objetivos mencionados na Declaração.

necessário empenhar novos esforços em direção a educação. Assim, a Declaração de Jomtien determinou 10 objetivos para garantir o direito à educação para todos. Em seu artigo 1º determinou que todos tivessem condições de usufruir das oportunidades educativas, para assim, satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem.

Essas necessidades compreendem tanto os instrumentos essenciais para a aprendizagem (como a leitura e a escrita, a expressão oral, o cálculo, a solução de problemas), quanto os conteúdos básicos da aprendizagem (como conhecimentos, habilidades, valores e atitudes), necessários para que os seres humanos possam sobreviver, desenvolver plenamente suas potencialidades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente do desenvolvimento, melhorar a qualidade de vida, tomar decisões fundamentadas e continuar aprendendo (UNESCO, 1990).

A Declaração de Jomtien apresentou as necessidades classificando-as em instrumentos essenciais e conteúdos básicos. Ao colocar dessa maneira demonstrou que considera algumas habilidades como ferramentas específicas que conduzem a aprendizagem e outras que contemplam a base inicial para a construção da aprendizagem. Propondo que o conjunto dessas necessidades ao serem atendidas oportunizam o desenvolvimento pleno e possibilitam a evolução em diferentes aspectos individuais e coletivos. Embora o documento demonstre uma vasta preocupação direcionada à Educação Básica, enquanto direito, essa preocupação se estende para a preocupação com o desenvolvimento humano e a redução das desigualdades sociais.

A educação foi colocada em pauta ao redor do mundo em inúmeras ocasiões, constantemente como oportunidade de superação de conflitos e dificuldades, os debates gerados influenciaram o Brasil sobre o papel que a educação deveria desempenhar. Ainda assim, somente após 40 anos da assinatura da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), a educação no Brasil foi garantida pela Constituição Federal 1988 como direito social.

O direito social parte de uma visão que compreende a totalidade de uma sociedade democrática, ultrapassando a concepção individualista e concebendo que determinados direitos são inerentes a todos, e não a determinados indivíduos ou grupos, reconhecendo a relevância da educação para uma sociedade justa. Porém, o que se encontra no texto legislativo é uma educação associada à escolarização, essa que em nosso país é obrigatória dos 4 aos 17 anos.

O empenho durante o fim da década de 80 para reforçar a valorização da educação na Carta Magna trouxe diversas conquistas. Indícios dessa concepção

refletiram em documentos como por exemplo o *Estatuto da Criança e do Adolescente*<sup>3</sup> (ECA), um marco legal que considera múltiplas dimensões sobre o desenvolvimento do ser humano. Em seu artigo 3º menciona que as crianças e os adolescentes têm direito ao “desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social”. Mais a diante, acrescenta por meio do artigo 4º a responsabilidade de todos para a garantia “dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária” (BRASIL, 1990). Podemos evidenciar dois aspectos importantes nesses artigos, o primeiro se refere a ampliação da perspectiva de desenvolvimento, reconhecendo múltiplos aspectos que afetam os indivíduos. Ou seja, há o reconhecimento direcionado para a definição de desenvolvimento integral, o que é pontuado ao longo dos demais artigos do ECA. E o segundo é a afirmação da responsabilidade de todos para com o desenvolvimento das crianças e adolescentes nessas múltiplas dimensões.

Ao longo do *Estatuto da Criança e do Adolescente* há direcionamento da concepção de educação direcionada para a família e para a escola. O Capítulo XV do ECA (1990) denominado “Do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer” é constituído por artigos voltados para a Educação Básica, não desenvolvendo com profundidade as demais dimensões e termos que nomearam o capítulo, promovendo uma visão reduzida sobre a temática. No entanto, é inegável que o Estatuto contribuiu para que as crianças e adolescentes passassem de “futuros adultos” e fossem reconhecidos, enquanto indivíduos de direitos e em desenvolvimento constante. Um marco legal que conduziu para uma nova perspectiva, possibilitando que a sociedade brasileira colocasse em pauta assuntos relacionados aos cidadãos dessas faixas etárias.

O reconhecimento da educação como um direito, aponta para o que ela pode significar na vida das pessoas, pois pode incluir ou excluir, e quando negado compromete o exercício pleno da cidadania. Ou seja, ao negar o direito à educação nega-se também outros direitos, não reconhecendo o indivíduo enquanto cidadão.

Esta compreensão quanto ao direito à educação é reforçada nas contribuições de Gadotti (2005, p.1) que em um dos seus artigos admite a educação enquanto direito de cidadania e afirma que a educação é um direito “sempre proclamado como

---

<sup>3</sup> O Estatuto da Criança e Adolescente é o documento normativo que garante os direitos da criança e do adolescente foi sancionado em 13 de julho de 1990.

prioridade, mas nem sempre cumprido e garantido na prática”. Ainda segundo o autor, esse direito durante muito tempo restringiu-se ao ensino obrigatório e gratuito. Refletindo sobre a educação escolar, Gadotti reforça que “Não basta estar matriculado numa escola. É preciso conseguir aprender na escola” (2005, p. 1). Ele ainda defende que “O direito à educação é, sobretudo, o direito de aprender” (2005, p. 1).

Ao refletir sobre essa ideia, podemos complementar com as colocações de Brandão (1986, p. 16) que “a educação existe sob tantas formas e é praticada em situações tão diferentes, que algumas vezes parece ser invisível, a não ser nos lugares onde pendura alguma placa na porta com o seu nome”. Assim sendo, podemos acrescentar que, conscientes que a educação não ocorre somente na escola, não basta estar nos “espaços”, é preciso conseguir aprender neles. Por isso, para melhor entendimento da extensa atuação da educação à necessidade de discorrer sobre as modalidades a seguir.

## **1.2 Educação: formal, informal e não formal**

Compreender a educação em sua abrangência exige o reconhecimento de suas modalidades e as características que as orientam, mas sem esquecer que apesar da distinção que procuramos estabelecer durante a pesquisa, essas modalidades e suas características perpassam entre si. Isso posto, podemos reconhecer que atualmente admite-se diferentes modalidades de educação. São elas: formal, informal e não formal.

### **a. Educação Formal**

A educação formal é a modalidade, que conforme apontamos anteriormente, associa-se especialmente ao processo de escolarização. O que é algo admissível, visto que tanto as políticas públicas como as experiências pessoais conduzem a esse reconhecimento da escola como a principal instituição educativa. A chamada Educação Básica define que as crianças e adolescentes brasileiros passem cerca de 14 anos na escola, o que torna essa associação ainda mais recorrente, já que é algo comum à maioria da população, a escola é a principal instituição em que ocorre a educação formal. Mas, não podemos nos restringir somente a ela.

Ao retomar a obra *O que é educação* de Brandão (1986, p. 20) onde o autor reconhece que “todas as situações entre pessoas, e entre pessoas e a natureza – situações sempre mediadas pelas regras, símbolos e valores da cultura do grupo – têm, em menor ou maior escala a sua dimensão pedagógica”. Essa concepção demonstra características que estão presentes na educação formal, porém, não são exclusivas da modalidade. Junto com esse ponto de vista, podemos agregar com a concepção de Gadotti (2005, p. 2), na qual ele afirma que “Toda educação é, de certa forma, educação formal, no sentido de ser intencional, mas o cenário pode ser diferente”. Tendo isso em vista, podemos reforçar a concepção de que as modalidades possuem características que se correlacionam.

O processo de revisão de literatura a respeito das modalidades da educação privilegiou autores clássicos que discutem a temática e são referenciados em outros trabalhos que refletem o assunto. Nesse processo, além dos autores mencionados anteriormente, podemos destacar as contribuições de Maria da Glória Gohn em diferentes produções. Em suas publicações a autora apresenta algumas reflexões sobre a educação formal, contudo, seu objeto de estudo é a educação não formal. Mas devido a ligação que há entre as modalidades, a autora discorre também sobre a educação formal e informal, apontando semelhanças e diferenças. O modo como a autora destaca as temáticas possibilita a percepção da relação que há entre as modalidades da educação, demonstrando a intersecção que existe entre elas.

Em seu artigo, Gohn (2006) elenca características das três modalidades da educação a partir de perguntas, atribuindo as particularidades de cada uma delas. Segundo ela, a educação formal é a modalidade que se desenvolve principalmente nas escolas, que tem por intuito o processo de ensino e aprendizagem de saberes e conteúdos previamente demarcados e historicamente sistematizados. Apesar da autora citar a escola como a instituição de referência da educação formal podemos ponderar que algumas instituições que adotam parte das características escolares tem uma relação direta com essa modalidade.

Essas instituições habitualmente procuram reproduzir espaços e comportamentos comuns a escola, tais como, oferecer certificações e titulações a partir da comprovação da aprendizagem, a comprovação da aprendizagem costuma ocorrer a partir de testes, provas, trabalhos, portfólios, instrumentos que possam demonstrar o acompanhamento do processo, para que assim os educandos possam avançar para graus mais elevados ou concluir etapas pré-definidas, além de

estruturarem regras e padrões comportamentais. Essa contemplação mostra uma perspectiva ampliada da modalidade da educação formal, ou seja, que ela não se associa somente a instituição escolar. Se considerarmos algumas das características elencadas por Gohn (2006), é possível lembrar de outras instituições com características semelhantes.

A educação formal requer tempo, local específico, pessoal especializado, organização de vários tipos (inclusive a curricular), sistematização sequencial das atividades, disciplinamento, regulamentos e leis, órgãos superiores etc. Ela tem caráter metódico e, usualmente, divide-se por idade/classe de conhecimento (GOHN, 2006, p. 30).

Uma instituição de ensino de curso técnico, por exemplo, requer um pessoal especializado, organização curricular, podem ou não adotar divisão de classes por idade, contam com normas e órgãos superiores, que direcionam seu trabalho, adotam certificações. Outro exemplo que podemos citar, são algumas instituições religiosas, que adotam espécies de cursos para que o indivíduo possa se especializar dentro da crença, o que conta com pessoas aptas e qualificadas para ensinar, gerando certificações, sendo orientada por regimentos. Como podemos ver, há instituições que se encaixam na modalidade da educação formal, além da escola e universidade, se considerada as características citadas anteriormente.

Dessa forma, concebemos que a educação formal apesar de ser reconhecida principalmente nas instituições escolares, suas características estão presentes em outras instituições. O que confirma a intersecção citada anteriormente, essa abrangência se estende também para as demais modalidades que serão apresentadas a seguir.

#### b. Educação Informal

A educação informal é a primeira forma de educação que entramos em contato, é aquela que acontece no cotidiano, caracterizada pelas individualidades de cada grupo e por suas crenças, valores, concepções, hábitos. Ela acontece espontaneamente no decorrer da vida entre familiares, amigos, manifestações religiosas, culturais, visitas a museus, teatros, leituras de livros, entre outros.

Nessa modalidade todos podem ser responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem, o que pode acontecer intencionalmente ou não. O avô que conta uma história de família aos netos, os colegas de trabalho que mencionam sugestões para

exercer a função, as crianças que demonstram uma nova brincadeira aos seus pares, as intervenções artísticas feitas na cidade ou em museus, são exemplos de contato que os indivíduos têm com processos de ensino-aprendizagem que por vezes passa despercebido.

Retornando o artigo de Gohn (2006, p. 28), citada na modalidade anterior, a autora estabelece que a educação informal ocorre durante o processo de socialização, no qual os indivíduos se relacionam com o ensino-aprendizado conduzido por seus “valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados”. Isso demonstra, que comumente os indivíduos terão seu processo de ensino-aprendizado vinculado e delimitados segundo seus pares, nas quais as relações são pautadas a partir de seus gostos, preferências, hábitos ou até mesmo pertencimentos herdados.

A educação informal tem seus espaços educativos demarcados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia etc. A casa onde se mora, a rua, o bairro, o condomínio, o clube que se frequente, a igreja ou o local de culto a que se vincula sua crença religiosa, o local onde se nasceu, etc (GOHN, 2006, p. 29).

Essa compreensão ampla dos fatores que contribuem no processo de formação do indivíduo encontra eco nas reflexões de Pierre Bourdieu (2007), sociólogo francês. Para ele os indivíduos são socialmente constituídos, sendo assim, não podem ser interpretados somente por um viés das escolhas, preferências e ações individuais, pensar assim, os reduziria a seres isolados e não seres que afetam e são afetados pela sociedade. Segundo ele os indivíduos têm bagagens sociais e culturais diferenciadas e herdadas, essas podem tornar as condições mais ou menos favoráveis no meio em que estão.

Os professores Cláudio Nogueira e Maria Alice Nogueira (2002, p. 21) em uma breve explicação sobre a sociologia da educação de Bourdieu, afirmam sobre estas bagagens: “Essa bagagem inclui, por um lado, certos componentes objetivos, externos ao indivíduo, e que podem ser postos a serviço do sucesso escolar”. Ou seja, são elementos que são dimensionados para além do indivíduo e que podem contribuir

ou não para o sucesso escolar, são eles, o capital econômico<sup>4</sup>, capital social<sup>5</sup> e o capital cultural<sup>6</sup>.

A educação informal, se nos apoiarmos nos pontos elencados pelos autores, contribui fortemente na formação destes capitais. Em especial o cultural e o social, pois eles funcionam como condutores para os indivíduos, que estabelecem trocas a partir de suas redes de relações já estabelecidas. Nessa direção, podemos dizer que essa modalidade educação informal se trata de um processo não sistematizado que procura manter ou alterar formas de ser e agir de indivíduos ou grupos, é um processo permanente de aprendizagem no qual os resultados são estabelecidos pelo meio em que o indivíduo está inserido. Assim sendo, podemos dizer que a educação informal está presente em todos os meios, pois consideramos toda troca de conhecimento como educativa.

### c. Educação Não formal

Por fim, a modalidade foco desta pesquisa é a educação não formal. O levantamento bibliográfico inicial, com o intuito de refletir sobre as produções já realizadas sobre a modalidade em questão, permitiu duas conclusões preliminares. A primeira é que alguns autores encontraram dificuldades quando iniciaram suas pesquisas sobre a educação não formal, como apontou Garcia (2009, p. 41) em sua tese sobre a temática ao mencionar que no Brasil até os anos 2000 a literatura sobre o assunto era quase inexistente, sendo necessário que a autora recorresse a obras internacionais. Entretanto, essa conclusão foi remodelada após localizarmos uma grande quantidade de produções sobre a temática, o que demonstrou que houve ganhos quantitativos em termos de pesquisa sobre a educação não formal.

E a segunda constatação é sobre as divergências terminológicas entre os autores. Essas divergências compreendem em autores que reconhecem a educação

---

<sup>4</sup> Capital econômico trata-se de bens e serviços.

<sup>5</sup> Capital Social “é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo” (BOURDIEU, 2007, p. 67).

<sup>6</sup> Capital Cultural “pode existir sob três formas: no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais” (BOURDIEU, 2007, p. 74).

não formal como parte da educação informal, enquanto, outros reconhecem a distinção entre ambas. Podemos citar como evidência sobre essa afirmativa a professora Martha Marandino, em uma publicação na qual a autora se interessa por desvendar se a divisão terminológica das modalidades da educação é adequada ainda no século XXI.

Segundo Marandino (2017, p. 811-812) os autores de língua inglesa utilizam termos voltados para a compreensão de educação informal e não formal como uma única modalidade e autores de língua portuguesa, grande parte das vezes, dividem essas modalidades. Ainda de acordo com a autora em países latino-americanos é comum a divisão da educação em formal, não formal e informal, devido aos contextos que afetaram a educação a partir da década de 60, onde passou-se a procurar uma formação política do indivíduo. Nossa pesquisa volta-se para a perspectiva latino-americana por ir ao encontro de convicções que serão apresentadas mais à frente.

Em conformidade com Gohn (1998, p. 511-512), até a década de 80 no Brasil a concepção de educação voltava-se exclusivamente para a educação formal, mais propriamente, a escolarização. A educação não formal quando tinha visibilidade, era geralmente direcionada a programas e campanhas de alfabetização de adultos. Contudo, esse cenário começa a se alterar nos anos 90 com as mudanças na economia, na sociedade e no mundo do trabalho. Em outra de suas obras, a autora defende que a educação não formal é “aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas” (GOHN, 2006, p. 28).

Essa modalidade transcorre a partir de situações reais e interativas, que são marcadas pela intencionalidade de trocas de saberes e experiências decorrentes de necessidades e interesses de cada grupo, assim, suas diretrizes são moldadas pela coletividade. Pressupondo que o desenvolvimento humano sucede a partir de diferentes dimensões, nos espaços de educação não formal procura-se oferecer a formação política e sociocultural reconhecendo a indispensabilidade da formação integral dos indivíduos.

Entre as características da educação não formal Gadotti (2005, p. 2) observa uma flexibilidade em relação ao tempo e aos espaços, o tempo de aprendizagem procura acompanhar as características e singularidades dos sujeitos e dos grupos. Em relação aos espaços busca-se a criação e ressignificação, demonstrando que não há espaços e tempo considerados corretos para a aprendizagem, todos são espaços

e tempo de aprendizagem. Considerando essa interpretação, nota-se que a essência da aprendizagem nessa forma de educação são os “conteúdos” desenvolvidos ao longo de processo, sendo o processo o principal precursor para que ela ocorra.

Os indivíduos ao entrarem em contato com a educação não formal desenvolvem laços de pertencimento que podem contribuir para a sua participação cidadã. Essa participação vincula-se ao acesso de um conjunto de sistemas que cooperam para o diálogo entre a realidade na qual estão inseridas e as demais, cultivando a sociabilidade.

A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadão do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais (GOHN, 2006, p. 29).

É bom lembrar que muitas vezes por ser de caráter optativo, a facilidade de interação dos indivíduos entre si, com os agentes e com o aprendizado, torna-se mais fácil. Pois, o educando se percebe enquanto sujeito responsável pelo seu próprio processo educativo, mesmo quando não totalmente consciente de todas as dimensões desse exercício. Assim, conforme alega Gohn (2006) “a construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, quando presentes num dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania (p. 30).

É interessante lembrar que as modalidades aqui apresentadas, se relacionam e que não há a intenção de substituição ou competição entre elas, e sim, a de complementação. Marandino (2017) propõe a interrelação das modalidades de tal modo que as delimitações entre elas passam a ser meras características associativas para um melhor entendimento de cada uma. No entanto, essas demarcações não podem ser constatadas como limitações. A autora traz reflexões sobre as definições das modalidades a partir das perspectivas dos atores, ou seja, para reconhecer a modalidade é preciso saber quem e como está atuando nela.

Dessa forma, um museu, por exemplo, poderia ser nomeado como um espaço de educação não formal quando o pensamos como uma instituição que possui um projeto estruturado e com um determinado conteúdo programático e, em especial, com intencionalidades educativas determinadas. Contudo, sob o olhar do público, poderíamos considerá-lo, por exemplo, como educação formal, quando alunos o visitam com uma atividade totalmente estruturada por sua escola, buscando um aprofundamento em um determinado conteúdo específico. E podemos, ainda sob o olhar do público, imaginá-lo como educação informal, ao pensarmos em um visitante que procura um museu para uma experiência de fruição e entretenimento em um final-de-semana com seus amigos ou familiares (MARANDINO, 2017, p. 813).

As modalidades da educação demonstram complementaridade entre si, de modo que nos leve ao mesmo questionamento apontado pela autora “Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal?” (MARANDINO, 2017). O questionamento proposto pela autora, nos convida a refletir criticamente sobre essa divisão, conforme, mencionado anteriormente importa para a pesquisa esse entendimento de complementaridade, uma vez que reconhecemos que há limitações em todas as modalidades. Marandino afirma que o fato das experiências reais por vezes não se inserirem em uma única modalidade, não deve ser motivo para a descontinuidade das pesquisas, já que as pesquisas geraram um movimento de aprofundamento e destaque sobre a educação, gerando uma maior compreensão e legitimação dessa área de atuação. O que pode ser incentivo para instituições assumirem o compromisso com a educação.

A escola, principalmente a pública, por muito tempo foi compreendida como a única capaz de superar as desigualdades sociais. No entanto, após ocorrer a expansão do acesso à escola e não acontecer essa superação, gerou-se uma certa descrença nesse poder transformador atribuído a instituição. De acordo com Bourdieu (2007), os alunos não estão em condições igualitárias, portanto, os esforços empenhados para a superação ou garantia de sua posição social são diferentes, exigindo mais esforços de quem tem menos condições. Para ele, a escola não é neutra, pois reproduz e legitima as estruturas das desigualdades sociais ao valorizar saberes de determinadas culturas em detrimento de outras.

Para os autores Nogueira & Nogueira (2002, p. 32-33), a sociologia de Pierre Bourdieu permitiu um novo olhar para a escola de forma direta, provocando análises mais críticas aos métodos, currículos, avaliações. Ao trazer essas reflexões houve contribuições para a educação como um todo, afinal, gerou quebra de paradigmas. Em contrapartida, os autores ressaltam que:

A escola, sobretudo nos seus trabalhos produzidos até os anos 70, é apresentada como uma instituição totalmente subordinada aos interesses de reprodução e legitimação das classes dominantes. Os conteúdos transmitidos, os métodos pedagógicos, as formas de avaliação, tudo seria organizado em benefício da perpetuação da dominação social (*Ibid*, p. 33).

A teoria de Bourdieu demonstra uma certa generalização em relação a instituição escolar, uma vez que cada escola é composta por diferentes diretrizes, pessoas, gerações, propostas. Ou seja, cada escola possui a sua cultura e essa é diversificada. “As escolas e os próprios professores, dentro delas, não seriam todos

iguais. Há variações no modo de organização da escola, nos princípios pedagógicos adotados, nos critérios de avaliação etc” (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2002, p. 33-34). De qualquer modo, as reflexões de Bourdieu sobre a não neutralidade da escola ocorre quando se valoriza determinadas culturas em detrimento de outras.

Portanto, reconhecemos a educação não formal como essencial para a construção da cidadania, visto que ela atua em diferentes espaços e de formas diversas seu poder de alcance pode contribuir com as demais modalidades.

### **1.3 Programa Curumim Sesc Taubaté**

Em 1945, líderes empresariais decidiram se reunir para a primeira Conferência das Classes Produtoras (Conclap), na cidade de Teresópolis, Rio de Janeiro. Com o intuito de refletir sobre o desenvolvimento econômico nacional de forma mais aprofundada, para isso, foram selecionadas dez temáticas para serem analisadas. São elas:

- 1) O Estado e a ordem econômica; 2) Elevação de nível de vida da população;
- 3) Política de produção agrícola; 4) Política de produção industrial e mineral;
- 5) Política de investimentos; 6) Energia e transportes; 7) Política comercial;
- 8) Política monetária, bancária e fiscal; 9) Política social e trabalhista; 10) Política imigratória (SESC, 2012, p. 7).

A partir das conclusões sucedidas do debate sobre as temáticas citadas, resultaram três pontos importantes, que foram: a elaboração da Carta Econômica de Teresópolis, a Carta da Paz Social e a aceleração da fundação da Confederação Nacional do Comércio (CNC). A elaboração da Carta Econômica de Teresópolis demonstrou um panorama da economia brasileira e a necessidade do empenho empresarial para alcançar a justiça social. Em decorrência aos novos ideais pontuados pela Conferência, compreendeu-se a indispensabilidade de um órgão que representasse as classes empresariais e trabalhadoras, levando a fundação da Confederação Nacional do Comércio (CNC).

A primeira posse da presidência da CNC ocorreu em 1946, durante o evento foi formalizada a Carta da Paz Social. O documento prezava pelo compromisso e a junção de interesses dos empregadores e dos empregados. E reconhecia que a paz social só seria alcançada se fundamentada em uma ação educativa, considerando que a medida adequada para que isso acontecesse, seria um período extenso de

investimento na cooperação, dessa forma, possibilitando o desenvolvimento das forças produtivas e a elevação do padrão de vida brasileiro (SESC, 2012, p. 11).

A Carta da Paz Social foi a percussora do conceito de serviço social custeado pelo empresariado, após ser submetida ao governo da época, a CNC encarregou-se da criação e da administração do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e do Serviço Social do Comércio (SESC), órgãos privados e sem fins lucrativos de âmbito nacional.

O Sesc surgiu em 1946, através do Decreto-Lei nº 9.853, de 13 de dezembro de 1946, com o propósito de melhorar as condições de vida da classe comerciária e suas famílias. De acordo com informações do site do Centro de Pesquisa e documentação de história contemporânea do Brasil (CPDOC), as atividades iniciais do Sesc foram o “estudo das características demográficas, sociais e econômicas da população comerciária brasileira. Esse levantamento levou à conclusão de que a ação prioritária deveria ser a de assistência médica”<sup>7</sup>. A primeira unidade do Sesc foi inaugurada em outubro de 1946, no Rio de Janeiro. Iniciando seu atendimento com assistência à maternidade, saúde da criança e combate à tuberculose.

Com o passar do tempo e os avanços em relação aos serviços de saúde no país, a instituição decidiu reduzir sua atuação voltada para essa área e empenhou-se em priorizar atividades direcionadas para a educação, cultura e recreação. Assim sendo, foram construídos Centros de atividades, destinados à educação, cultura, lazer e assistência, favorecendo e valorizando o papel socioeducativo da instituição. Essa decisão sobre a atuação da instituição foi debatida na primeira convenção nacional de técnicos da instituição em Bertiooga<sup>8</sup>, em 1951. As Convenções Nacionais de Técnicos eram realizadas para avaliar e planejar as práticas da instituição, onde reuniam-se funcionários de todas as unidades. Além dessa medida, a preocupação com a qualidade dos serviços prestados desencadeou na estruturação de treinamentos e cursos e na designação de bolsas de estudos para os funcionários.

Na década de 60, o Sesc ganhou forças com as suas unidades móveis, nomeadas Unimos (Unidades Móveis de Orientação Social). As Unimos instalavam-se próximo as escolas, praças e clubes para a realização de cursos, projeção de filmes, elaboração de peças teatrais e exposições, práticas esportivas, entre outras

---

<sup>7</sup> Centro de Pesquisa e documentação de história contemporânea do Brasil (CPDOC) – Verbetes Sesc. Link: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/servico-social-do-comercio-sesc>

<sup>8</sup> *Idem*

atividades. No entanto, no final da década em vista das restrições de liberdade, da censura da mídia e da cultura, a instituição precisou reavaliar suas ações diante do cenário da época, dessa forma, foi realizada a IV Convenção Nacional de Técnicos, para que fossem planejadas as ações para a próxima década.

Já na década de 80, procurando superar as ações que antes haviam sido reprimidas, o Sesc investe em ações culturais se comprometendo com a propagação e a preservação de tradições, além de oferecer diversos projetos dedicados às artes, com a intenção de trabalhar as mais variadas linguagens. Durante esse período surgiram projetos nacionais<sup>9</sup> que marcaram a história do Sesc e operam até hoje.

Outro acontecimento institucional foi a criação do primeiro Plano de Ação Nacional, nele são estabelecidas as áreas prioritárias de atuação. Surge como meio para conduzir o trabalho desenvolvido e garantir uma regularidade nas ações, estabelecendo datas e prazos para revisão de sua metodologia. Assim, o Sesc investiu esforços para atender seu papel social e ir ao encontro da educação.

Compreendendo a educação como pressuposto para a transformação social, o Sesc São Paulo criou o Programa Integrado de Desenvolvimento Infantil (PIDI), em 1986, válido para todas as unidades do estado. O Programa Integrado de Desenvolvimento Infantil (PIDI) foi resultado do estudo realizado pela instituição sobre seu público infante-juvenil, dando origem a estruturação de práticas fundamentadas em princípios defendidos pela a instituição, possibilitando propor e executar ações que promovem o desenvolvimento integral das crianças que frequentam o Sesc.

Na apresentação do documento, Abram Szajman<sup>10</sup> menciona que, apesar de todos os esforços empenhados pelo poder público e organismos privados, as perspectivas para o futuro do menor<sup>11</sup> demonstravam grandes desafios.

Para confirmar esses desafios ao longo do documento são citados dados que instigam reflexões sobre o público infante-juvenil e remetem a origem do Programa. Consta no PIDI uma análise sobre o Censo Demográfico de 1980 que revelava que

---

<sup>9</sup> Estes projetos são: Arte Sesc, o projeto procura difundir a Arte brasileira; Brincando nas férias, destinado para crianças durante o período de férias escolares e o Sesc Ciência, surgiu com o intuito de democratizar o conhecimento científico.

<sup>10</sup> Empresário, Presidente da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP), entidade responsável pelo gerenciamento do Serviço Social do Comércio (Sesc) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac).

<sup>11</sup> Termo utilizado até a década de 90 para definir a criança e o adolescente, faz referência ao extinto Código dos Menores. A mudança terminológica foi atribuída à uma mudança paradigmática, onde a criança e o adolescente deixam de ser compreendidos de modo discriminatório e passam a ser reconhecidos como indivíduo de direito.

as estatísticas expressavam quantidades consideráveis em relação ao nível populacional, relatando que uma grande parcela da população brasileira se tratava da faixa etária de 0 a 14 anos, essa informação pouco alterava se considerado o estado paulista, o que alertava para a necessidade de uma maior atenção a esse público. Em seguida, o documento menciona as previsões para os anos seguintes do ponto de vista econômico, o que também constatava maiores dificuldades para as futuras gerações. Além das projeções, são citadas dificuldades já presentes e vivenciadas pelas crianças e adolescentes.

Do ponto de vista legal, tem-se a questão dos menores infratores; do ponto de vista da situação em relação à família, há os menores abandonados; do ponto de vista escolar, há as crianças sem escola, e mesmo dentro as matriculadas são grandes os índices de evasão, de repetência ou de não-conclusão de cursos, bem como as “crianças-problema”, “rebeldes” às obrigações e à disciplina escolar; do ponto de vista das condições socioeconômicas, há um enorme contingente de crianças subalimentadas, mal vestidas, mal assistidas pela medicina, residentes em barracos e viadutos, vivendo de esmolas, biscates, furtos e assaltos. Há ainda a questão da exploração do trabalho do menor e da criança, a questão da violência doméstica e institucional, o abandono afetivo e a solidão, a exposição indiscriminada aos meios de comunicação de massa, às drogas, a falta de espaços de lazer, dentre outros problemas graves (SESC, 1986, p. 10-11).

Conforme abordado, os desafios enfrentados pelo público infanto-juvenil, além de numeroso era também diversificado, mesmo com inúmeras instituições sociais lutando por mudanças nesse cenário, ainda assim, era preciso fazer mais. Diante disso, o Sesc, decide assumir uma posição em prol desse público, com a elaboração do já mencionado, Programa Integrado de Desenvolvimento Infantil (PIDI). Szajman, esclarece que a preocupação com a criança não era algo novo para a instituição, posto que desde o início, parte das atividades eram destinadas a elas.

Relacionado a isso, Danilo Miranda<sup>12</sup> declara no prólogo titulado como Sesc e a *criança* anexado ao PIDI, que antes da elaboração do documento diversos programas destinados a criança foram inspirados nos parques infantis procurando superar alguns aspectos compreendidos como limitadores, essas atividades voltavam-se principalmente para o lazer. No entanto, com o passar do tempo essa ação não se mostrou mais necessária, uma vez que houve o crescente desenvolvimento de instituições públicas e privadas para esse mesmo setor, demonstrando a indispensabilidade de mudanças nas ações.

---

<sup>12</sup> Filósofo, sociólogo e diretor do departamento regional do Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc) desde 1984.

Nessa direção, o presidente Szajman defende que o Sesc orienta suas práticas considerando o contexto no qual está inserido, algo que considera valioso para ações efetivas e eficazes, sem deixar de atentar-se para o papel da renovação e de defender seus valores permanentes. Foi refletindo sobre o quadro situacional da época, relativo à criança, que a instituição compreendeu a urgência de um posicionamento crítico, que questionasse práticas, que reconhecesse as diferenças e singularidades desse público, atuasse de forma democrática em prol do desenvolvimento da autonomia, procurando superar concepções que desqualificassem esses indivíduos (SESC, 1986, p. 13).

Desse modo, o PIDI estipulou valores que reconhecessem a criança como ser em formação e cidadã, portanto, dotada de direitos. Admitindo que enquanto ser social, tem o direito à informação em relação sua existência, suas particularidades e suas condições como cidadã, possibilitando o conhecimento de si e do meio. Que devem ser respeitadas por suas singularidades e interpretada em sua realidade existencial concreta e peculiar. Além disso, assumindo que todo projeto de formação cidadã, mesmos os direcionados para os processos mais básicos, ainda que voltados para o futuro, não poderiam desconsiderar o presente e o universo infantil.

Outro valor elencado trata-se da presença da ludicidade como ação pedagógica, garantindo assim que a criança mantenha sua identidade e sua própria “razão de ser: a vida como brinquedo, que é seu modo de vivenciar e compreender o mundo” (SESC, 1986, p. 13). Também presente no documento está a determinação do público prioritário, que se trata de crianças de famílias de comerciários e crianças com baixa renda.

Ao decorrer do PIDI é exposto o entendimento de superação de carências deixadas pela família, escola e o poder público no geral, o que pode ter ocorrido em alguns casos, de acordo com as dificuldades enfrentadas pelas crianças mencionadas anteriormente, apesar disso, não podemos generalizar e propagar essa concepção sem antes uma análise reflexiva, reconhecendo que toda instituição possui suas incoerências e que a busca por tentar solucioná-las faz parte do processo de construção e superação.

Para além disso, a finalidade apresentada no documento é a promoção do desenvolvimento integral da criança, fortalecendo o acesso a bens culturais e tecnológicos, contribuindo para a participação na vida em sociedade como cidadãos conscientes que são afetados pelas mudanças e pela desigualdade social.

Essas ações são realizadas a partir da busca por “Proporcionar o uso do tempo livre das crianças por um conjunto de atividades integradas que possibilitem sua socialização, desenvolvimento psicomotor, sua expressão sensível e desenvolvimento físico, bem como o domínio do meio em que vive” (SESC, 1986, p. 17). Em outras palavras, a partir do tempo livre, geralmente reconhecido como contraturno da escola, as crianças possam participar e elaborar atividades que possibilitem a sua formação em diferentes âmbitos, de modo que elas lidem com situações reais, se relacionem com o “outro” e com o meio de forma autônoma, sendo respeitadas por suas características e singularidades.

As ações são direcionadas pela ludicidade como instrumento educativo a partir da realização de atividades em grupos que possibilitem a diversidade etária, a participação ativa e autônoma de forma que os “conteúdos” a serem aprendidos não se pautem somente em conceitos. Por isso, Szajman reforça que:

Importa ainda frisar que se fugiu deliberadamente a uma linha escolarizante. Por importante que seja ela não se mostra consentâneo com a vocação institucional do SESC, cuja esfera de operações se situa no domínio do tempo livre e da educação não formal (SESC, 1986, p. 5).

As atividades previstas no PIDI são divididas em permanentes, eventuais e de apoio.

As atividades permanentes são direcionadas para que as crianças mantenham uma maior relação com a instituição, principalmente nos quesitos tempo e afetividade<sup>13</sup>. Por um lado, possibilitando a utilização de todo o potencial das instalações das unidades, e por outro, para atender as famílias, que teriam onde deixar seus filhos. Alcançando dois objetivos comum, a educação e a diversão.

Essas atividades estão organizadas em cinco módulos, são eles: Expressão sensível, Expressão física, Relações com a natureza, Relações com a ciência e a tecnologia e Relações com a sociedade. Nas atividades permanentes as atividades podem ser realizadas por monitores que são os responsáveis pelo grupo. Mas, também podem ser realizadas por monitores de atividade, esses habitualmente têm relações pontuais com o grupo, assessorando atividades próprias de sua área de atuação ou módulo a ser desenvolvido.

---

<sup>13</sup> Entendemos por afetividade para além da concepção de sentimento fraterno, o que alcança, atinge, afeta o indivíduo.

Já as atividades de apoio, são voltadas para parcerias que possam assistir, principalmente, aqueles que são considerados vulneráveis economicamente. São elas serviços de prevenção odontológica, exame médico e fornecimento de lanche diário e gratuito. Por fim, as atividades eventuais e projetos especiais possuem flexibilidade em suas realizações, procuram atender eventos como período de férias, fins de semana, datas festivas, são momentos que não pertencem a rotina diária, mas que podem oportunizar a diversão e novos momentos de aprendizagem, podendo ser, viagens, gincanas, festivais, campeonatos, excursões, feiras, shows, teatro, cinema, exposições. As diretrizes previstas no PIDI deram origem a um novo cenário para o Sesc São Paulo, o que motivou o lançamento do Curumim.

O Curumim é um programa de educação que atua a 33 anos com a intenção de formar integralmente em suas múltiplas dimensões, com a premissa de educação cidadã, crianças de 7 a 12 anos. Parte desse processo de formação é pautado na garantia de espaços e tempos de brincadeiras. O lançamento oficial do Curumim ocorreu em 2 de agosto de 1987, no atual Sesc Pompeia, com um grande evento de inauguração que contou com a participação de cerca de 6000 crianças (FERREIRA; OIENO, 2015, p. 25). Em seguida, o Programa foi implantado nas unidades de Carmo, Santos, Campinas, Piracicaba e Bauru. Em Taubaté, o Sesc já atuava desde 1948, sua unidade atual foi inaugurada em 1988, juntamente com a implantação do Programa Curumim. Atualmente o Programa está em funcionamento em 33 unidades do Sesc.

O Programa Curumim, tal como previsto no PIDI, foi dimensionado de acordo com o contexto de cada unidade, ou seja, cada unidade foi orientada a elaborar seus projetos pautados em “suas próprias características, tais como o perfil do público, as competências das equipes, os equipamentos, as instalações e os recursos disponíveis” (FERREIRA; OIENO, 2015, p. 25). O que fortaleceu a autonomia, já existente nas unidades, possibilitando que acompanhassem as mudanças dos contextos em que seu público estava inserido.

As metodologias empregadas pelo Programa Curumim proporcionaram, ao longo de mais de três décadas de sua existência, experiências e vivências que dificilmente seus participantes teriam em outros espaços. E aqueles que tivessem, talvez, não fossem marcadas com intencionalidades e mediações. O Programa Curumim possibilita a construção de relações que contribuem nas formas como os indivíduos interagem e são no mundo, essas relações são possíveis à medida que a

instituição oportuniza o acesso a bens e serviços, valorização da diversidade, o convívio e interação.

Desde o início de suas atividades, em 1987, o Programa Curumim busca contribuir para a educação e o desenvolvimento integral das crianças participantes. Para isso, oferece acesso a um conjunto de vivências diversificadas de manifestações culturais, a fim de garantir às crianças o exercício da cidadania (FERREIRA; OIENO, 2015, p. 29-30).

O acesso a bens e serviços se dá por meio das consultas odontológicas, a distribuição de lanches pensados e preparados por uma equipe especializada, a utilização de todo potencial educativo da instituição, materiais, equipamentos, espaços. Já a diversidade se apresenta juntamente com o convívio com a equipe de educadores composta por profissionais de diferentes áreas, com as demais equipes da unidade, com o público frequentador e os participantes de outros programas (que variam principalmente, entre idosos e crianças), com o próprio grupo que é constituído por crianças de 7 a 12 anos, muitas vezes de diferentes bairros, escolas, culturas. Há também as contratações, as viagens, as próprias atividades são diversificadas com a intenção de proporcionar vivências e experimentações. Exemplos das atividades são “educação socioambiental, brincadeiras, teatro, dança, literatura, música, esporte, cinema, jogos, artes visuais, internet, culinária, rádio, blogue, TV, jornal, circo, contação de histórias, festas e passeios diversos” (FERREIRA; OIENO, 2015, p. 33). Assim sendo, podemos afirmar que a participação no Curumim permite a apropriação de benefícios materiais e simbólicos, ou seja, benefícios que favorecem a formação cidadã do indivíduo.

O Curumim pauta-se na valorização das crianças enquanto indivíduos de voz, considerando-as conscientes disso e corroborando para a conscientização sobre esse espaço de fala, escuta e reconhecimento de saberes. Para isso, suas práticas são orientadas pela democracia, assim, possibilitando que as crianças atuem diretamente na construção do Programa. Há três anos o Sesc iniciou o processo de revisão do Curumim, para tal procedimento, reuniu diferentes perspectivas sobre o Programa: dos educadores e gestores do Sesc, de especialistas da área e das crianças participantes (os curumins). Esse processo trata-se de um esforço para a geração de reflexões sobre o percurso já percorrido pelo Programa e a preparação para novos caminhos e desafios.

A participação das crianças no processo de atualização e revisão do Programa se deu a partir da elaboração de cartas. Todas as unidades que têm o Programa

Curumim foram orientadas a refletir sobre quatro questões “O que é o Curumim?”, “O que ainda não tem no Curumim?”, “Como você se sente no Curumim?”, “O que mudou em você desde que entrou no Curumim?”. Após essa reflexão, as crianças escolheram representantes para apresentar as propostas e sugestões elaboradas pelo grupo na Conferência Curumim<sup>14</sup>.

Na Conferência Curumim, os representantes de todas as unidades refletiram sobre o funcionamento do Programa Curumim em suas respectivas unidades e discutiram as propostas e possibilidades. Durante o processo de debate dois desenhistas acompanharam e registraram as falas de destaque, para que assim fossem construídas as respostas das quatro perguntas feitas aos curumins. Os desenhos foram apresentados aos curumins, resultando a Carta Curumim.

O processo de escuta se faz importante na defesa de valores democráticos, permitindo que a partir do processo de escuta aconteça o de fala. O Sesc ao possibilitar que os atores dos Programa Curumim passassem por esse processo de escuta, proporcionou a voz àqueles que atuam ativamente nele, logo, contribuindo para a construção e melhoria.

É incontestável a importância da forma que tem sido realizada a reestruturação do Curumim, entretanto, nesse processo não foi constatado a voz dos egressos, pessoas que tiveram a oportunidade de participar do Programa nas idades de 7 a 12 anos e, atualmente adultas, podem compartilhar suas memórias sobre essa fase. Compreendemos que as demandas e mudanças de contextos em mais de 30 anos de existência do Programa Curumim, podem ter contribuído para que o processo de escuta fosse focado aos atores atuais.

Deste modo, embora a pesquisa inicialmente não tenha focado nesse processo de reestruturação do Programa Curumim, podemos afirmar que ao retratar as memórias dos egressos estendemos o processo de escuta aos sujeitos que passaram pelo Programa, enquanto participantes. Ao direcionar para os egressos do Sesc de Taubaté, buscamos somar outra leitura sobre o Programa Curumim e suas contribuições para o processo formativo dos participantes. Assim, possibilitando uma pequena contribuição para pesquisas futuras.

---

<sup>14</sup> Evento realizado em 27 de abril de 2019, no Sesc Interlagos.

## CAPÍTULO 2- AS CONTRIBUIÇÕES DA MEMÓRIA E O PERCURSO ATÉ OS EGRESSOS

A memória que os egressos trazem consigo carregam os contextos nos quais estavam inseridos, as características dos grupos que tinham acesso, seus sentimentos e sensações, o contexto histórico de modo geral. Assim, com essas memórias é possível refletir sobre aspectos que os afetaram e repercutiram nessa participação a um espaço de educação não formal, direcionando para a relevância que teve em suas vidas, possibilitando o entendimento sobre o papel que o Programa Curumim desempenhou no processo formativo deles.

A memória é um modo de compreender o que permaneceu “vivo” para os egressos das experiências, dos espaços, das pessoas e o que fez parte da constituição de sua identidade. Nesse sentido, o foco desse capítulo é retratar a importância da memória para a pesquisa, e apresentar como se deu o percurso até os egressos do Programa Curumim de Taubaté.

### 2.1 Memória

A participação em espaços de educação não formal possibilita ao indivíduo diferentes vivências, essas contribuem para a sua formação em múltiplas dimensões. Possibilitando que os indivíduos criem laços de pertencimento e de afinidade com o grupo, o que em conjunto constrói as características do grupo e dos indivíduos inseridos. Quando o indivíduo se sente parte de um grupo efetivamente, ele estabelece relações duradouras e significativas, que interferem em diferentes aspectos na construção da identidade do indivíduo e do grupo.

Desenvolve laços de pertencimento. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo (este é um dos grandes destaques da educação não-formal na atualidade); ela pode colaborar para o desenvolvimento da autoestima e do *empowerment* do grupo, criando o que alguns analistas denominam, o capital social de um grupo (GOHN, 2006, p.30).

Para Gohn, a educação não formal ao contribuir para a criação de vínculos entre os indivíduos e o grupo, colabora também para o desenvolvimento da

autoestima e *empowerment*<sup>15</sup>, afirmando que a participação e as práticas dessa modalidade de educação possibilitam o fortalecimento das relações sociais, tanto do grupo, como entre os próprios indivíduos inseridos neles e o “outro”.

Para compreender sobre o papel desempenhado pelo Programa Curumim de Taubaté nós nos apoiamos nas memórias dos egressos como forma de contribuir para que essas vozes também sejam escutadas, esses que a partir de suas memórias puderam elencar as principais características e contribuições da participação nesse espaço de educação não formal. Conforme Bourdieu (2007), o capital social não se atribui somente a vinculação a um grupo, para isso é necessária uma relação durável e bem estabelecida. Nesse caso, nos interessamos por conhecer quais relações foram tão bem estruturadas que repercutiram nas vidas dos egressos.

Ao refletir sobre a memória verificamos que os indivíduos têm diversas formas de lidar, pois o uso da memória abrange diferentes questões. Ela oportuniza que o indivíduo reviva, reconheça, reflita e sinta momentos, pessoas, lugares, funcionando como meio para eternizar ou afastar, podendo ser apreciada ou temida, às vezes se esvaziando de detalhes, em outras transbordando-os.

O trabalho com memória permite compreender detalhes que possam passar despercebidos aos observadores mais atentos, pois, elas são repletas de emoções individuais que somente quem se recorda pode transparecer. A memória sofre interferências, recorrer a ela trata-se de um processo complexo. Segundo Vera Brandão (2008) o processo de formação das memórias se dá resumidamente em três passos:

“a codificação de informações” - elas chegam ao cérebro através dos órgãos dos sentidos; “a armazenagem das informações” - elas são codificadas, estruturadas e armazenadas no cérebro (em diferentes áreas); “a manutenção e recuperação das informações” - transformação das informações em lembranças permanentes, passíveis de recuperação - a memória de longa duração, autobiográfica (n.p.).

---

<sup>15</sup> “Cumprir destacar que o significado da categoria “empowerment” ou empoderamento como tem sido traduzida no Brasil, não tem um caráter universal. Tanto poderá estar referindo-se ao processo de mobilizações e práticas destinadas a promover e impulsionar grupos e comunidades - no sentido de seu crescimento, autonomia, melhora gradual e progressiva de suas vidas (material e como seres humanos dotados de uma visão crítica da realidade social); como poderá referir-se a ações destinadas a promover simplesmente a pura integração dos excluídos, carentes e de mandatários de bens elementares à sobrevivência, serviços públicos, atenção pessoal etc., em sistemas precários, que não contribuem para organizá-los – porque os atendem individualmente, numa ciranda interminável de projetos de ações sociais assistenciais” (GOHN, 2004, p. 23).

Ao refletir sobre estes passos foi possível perceber que o percurso feito até geração de uma memória tende a ser enigmático. Somos capazes de passar pelas mesmas situações, mas senti-las de formas diferentes. A forma na qual o indivíduo vivenciou, sentiu, quais representações passadas e futuras foram colocadas em jogo, elementos presentes no ocorrido, a forma na qual as diferentes variáveis agiram entre si (lugares, pessoas, acontecimentos). Essas variáveis interagem entre si até a formação da memória e mesmo após a formação, o processo de armazenagem, manutenção e recuperação depende da construção atual do sujeito, a memória não é algo estático e está sujeita a transformação.

Compreendendo a complexidade do processamento da memória, sustentamos a pesquisa na obra de Brandão (2008) quando optamos por focar em memórias de “longa duração, consolidadas e que moduladas pela emoção, tornaram-se memórias passíveis de serem recuperadas – as memórias (auto) biográficas, socioculturais e afetivas, em seu potencial (trans) formador” (n.p.). A memória autobiográfica permite que os indivíduos relatem o que permaneceu nítido sobre o seu processo de formação, assim, enumerando quais foram as variáveis que fizeram parte desse processo e as repercussões causadas.

A importância de se registrar a memória está ligada diretamente com a necessidade de não deixar apagar informações, acontecimentos e relações construídas. Assim sendo, utilizamos do recurso da memória para possibilitar a diversidade de perspectivas sobre as contribuições do Programa Curumim, a partir da memória os indivíduos podem enumerar características e momentos que foram constituindo sua trajetória. Para isso, é preciso partir da conscientização sobre o processo de construção da memória, conforme, Pollak:

A memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização (1992, p. 204).

As reflexões propostas sobre a memória dos egressos que serão apresentadas pela pesquisa têm por justificativa que a construção, consciente ou não, encaminha para a percepção de aspectos que compõe o indivíduo e o grupo.

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de

continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204).

Sendo assim, reconhecemos que memória é constituída por aspectos individuais e coletivos, ou seja, ela é organizada, composta e modificada por particularidades da pessoa, pela forma na qual ela se conhece e reconhece dentro ou fora de um grupo. Da mesma forma, as memórias registradas por um grupo, tendem a projetar-se nos indivíduos, não sendo inerente a um ou outro, mas se formando em conjunto.

## 2.2 Entrevista

No processo de investigação de produções acadêmicas sobre o Programa Curumim, foram encontrados relatos<sup>16</sup> voltados para crianças participantes, na quais os autores fizeram uso da observação e do registro (fotográfico, gráfico, oral). Dentre todos os recursos que os autores utilizaram, o que mais trouxe encantamento foram as falas. Essas que possibilitaram guiar a pesquisa em pró da verificação se os mesmos elementos relatados pelas crianças surgiram ou não em falas de adultos.

Nesse sentido, a proposta da entrevista procurou enfatizar a voz daqueles que passaram pelo Programa e foram marcados em seu processo formativo, proporcionando que fossem relatados o trabalho desempenhado no Sesc de Taubaté. A escolha pela entrevista foi a forma encontrada de atender os objetivos da pesquisa, visto que o foco era não só retratar as contribuições da participação desse espaço de educação não formal, mas também, oportunizar as vozes daqueles que vivenciaram esse processo de construção de si e do Programa.

Vera Brandão (2008, n.p.) declara que o processo de escuta precisa pautar-se no respeito, reconhecendo os entrevistados “como portadores de experiências, saberes e histórias únicas e significativas”, voltando-se para a perspectiva humanística. As obras levantadas sobre educação não formal demonstraram uma intensa demarcação feita pela história oral. Para Gohn isso ocorre pois os atores envolvidos tiveram em algum momento histórico-social sua voz silenciada.

Os procedimentos metodológicos utilizados nos processos da educação não-formal estão pouco codificados na palavra escrita e bastante organizados ao redor da fala. A voz, ou as vozes, que entonam ou ecoam de seus

---

<sup>16</sup> Barra (2001), Galante (2006), Park & Fernandes (2015), Sartori (2016), Teixeira (2016).

participantes, são carregadas de emoções, pensamentos, desejos etc (GOHN, 1998, p. 521).

O fato de os indivíduos serem silenciados faz com que o foco da educação não formal seja a oportunidade de o indivíduo, não somente, se expressar, mas também de compreender a realidade na qual estão inseridos e buscar subsídios para transformá-la.

### **2.3 Percorso até os egressos**

A proposta de realizar entrevistas se intensificou quando não foram encontrados registros suficientes, sobretudo relato dos egressos, para que compreendêssemos as singularidades do Programa Curumim da cidade de Taubaté. A participação como estagiária do Programa Curumim e a pesquisa bibliográfica demonstraram que o processo de fala e escuta estavam presentes durante os mais de 30 anos de existência do Curumim, o que fomentou o interesse em contribuir nesse processo.

A formulação do roteiro (Apêndice 1) de entrevista se deu em conjunto com a composição do projeto, nesse processo de construção, destaco as contribuições de Costa (2016) e Bento & Sousa (2018), que forneceram a base para a elaboração desse instrumento.

Optamos por trabalhar com a entrevista semiestruturada, por possibilitar uma maior abertura da compreensão das falas do entrevistado, permitindo quando necessário a reestruturação dos questionamentos e falas.

Uma das características da entrevista semi-estruturada é a possibilidade de fazer outras perguntas na tentativa de compreender a informação que está sendo dada ou mesmo a possibilidade de indagar sobre questões momentâneas à entrevista, que parecem ter relevância para aquilo que está sendo estudado (MANZINI, 2004, n.p.).

Durante a elaboração do projeto de pesquisa, acreditávamos que a melhor forma de chegar até os egressos, seria recorrendo aos responsáveis de curumins e frequentadores do Sesc com os quais havia contato. No entanto, com a situação de distanciamento social devido a Pandemia de Covid-19, causando o fechamento do Sesc, essa estratégia pareceu pouco viável. O que gerou a necessidade de reestruturação da pesquisa, alterando o rumo da coleta de dados. Conforme afirma Costa (2016):

Por isso, é possível falar em um processo de construção de dados. Imaginem-se novos passos que vão sendo reinventados na medida em que são executados. Isso constitui o entendimento da pesquisa como um processo cujo projeto é um norte permanentemente reconstruído (p.75).

O amadurecimento da metodologia se deu por visitar obras que evidenciavam as memórias de egressos de projetos de educação não formal, na qual o apoio da memória e a voz eram elementos centrais. Nesse caso, destacamos a possibilidade do uso do questionário, após a breve leitura do artigo de Petrachini Junior (2018), na qual o autor destaca narrativas de oito ex-participantes do Programa Curumim por meio de perguntas abertas com o intuito de relatar as memórias autobiográficas dos indivíduos. A certeza se deu após verificar que o questionário aproximaria os candidatos à entrevista, tal como ressalta Costa (2016):

Estabelecido o roteiro, ficou clara a importância de se construir um questionário que fosse, não apenas uma forma de se ter acesso aos possíveis entrevistados, mas que também possibilitasse elaboração de um quadro geral que permitisse uma contextualização mais ampla quanto ao perfil dos sujeitos a serem entrevistados, e também já uma primeira sondagem no que concerne ao objeto próprio desta pesquisa (p. 77).

Para responder ao questionário (Apêndice 2) elaborado no aplicativo de gerenciamento da *Google*, chamado *Forms*, e divulgado nas redes sociais, foi estabelecido duas exigências: Os sujeitos precisavam ter participado do Programa Curumim de Taubaté e ter acima de 18 anos.

O uso do aplicativo foi pensando para ter um alcance maior a partir das redes sociais, sendo que as pessoas poderiam auxiliar na divulgação da pesquisa e responder rapidamente, de qualquer lugar e a qualquer horário. Assim sendo, foi divulgado pelo *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram* o link de acesso ao questionário. Após ser divulgado nas redes sociais, em apenas 12 horas tivemos 19 respostas, o que causou entusiasmo, observando que tínhamos mais sujeitos do que o previsto inicialmente. Passadas 24 horas tínhamos 24 respostas, esse decréscimo aos acessos demonstrou que as informações obtidas eram suficientes para prosseguir com a pesquisa.

Logo, no início do questionário colocamos a cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Anexo 1) para que as pessoas verificassem a credibilidade da pesquisa. Em seguida, era necessário que o sujeito respondesse se concordava ou não com o TCLE, obtivemos 100% de respostas afirmativas. As duas perguntas seguintes tinham como intuito a confirmação do perfil previsto para os sujeitos da

pesquisa, questionando se o respondente havia participado do Programa Curumim e se tinha mais de 18 anos. Em caso negativo a qualquer uma das perguntas o sujeito era encaminhado para o fim do questionário, onde agradecemos a participação e mencionamos que nesses casos não poderíamos prosseguir, visto que esses não atendiam às exigências da pesquisa.

O que nos surpreendeu foi que apesar de constar as informações sobre a pesquisa no TCLE e ser questionado se o respondente concordava com o mesmo, 8 pessoas responderam que não participaram do Programa Curumim, o que corresponde a 33% dos respondentes. Apesar de 67% dos respondentes terem afirmado a participação ao Programa Curumim, o que representa 16 respostas, 5 respondentes informaram ter menos de 18 anos. Essas informações sugerem que nem todos os respondentes compreenderam as informações postas no TCLE.

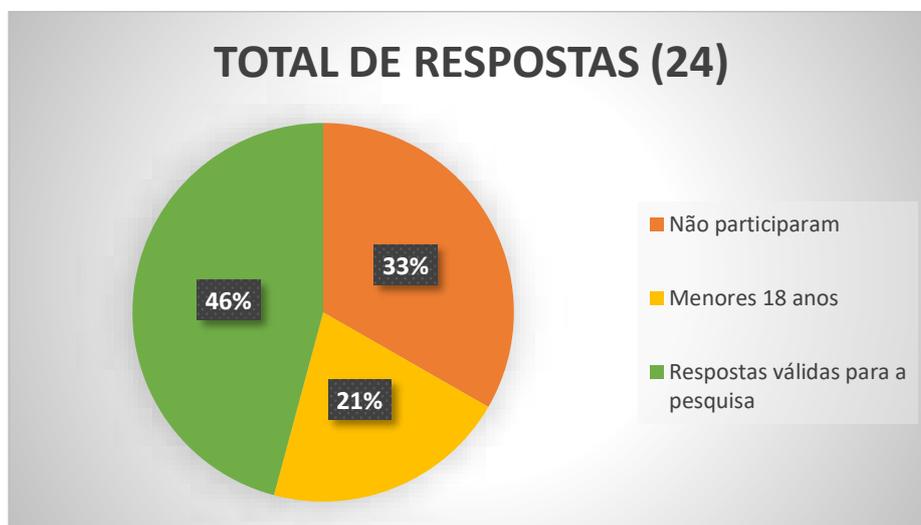


Figura 1- Total de respostas

Como demonstrado na Figura 1, das pessoas que responderam somente 46% puderam continuar o questionário, o que representou 11 respondentes. Outra pergunta que se fez necessária devida a possibilidade de alta divulgação das redes sociais, foi referente a cidade em que o indivíduo participou do Programa Curumim, todos os respondentes participaram na cidade de Taubaté. Em seguida, colocamos a perguntar “Por quanto tempo?” como forma de parâmetro para as próximas perguntas referentes ao Curumim.

Tabela 1 – Tempo de participação

RESPOSTAS	QUANTIDADE
Menos de 1 ano	2
1 a 2 anos	1
3 a 4 anos	5
5 a 6 anos	3
Não sei	0
<b>TOTAL</b>	11

A partir da resposta anterior poderíamos vincular o tempo de participação à qualidade e quantidade de informações prestadas nas 4 perguntas posteriores sobre os elementos que os egressos destacam sobre o Programa: “Como era o Curumim?”, “O que você mais gostava no Curumim?”, “O que você menos gostava no Curumim?” e “Você acha que o Curumim foi importante para a sua vida? Por quê?”. Os resultados decorrentes dessas perguntas trouxeram elementos relevantes que serão analisados no próximo capítulo.

Como objetivo do questionário foi a aproximação dos sujeitos para a realização da entrevista, a resposta seguinte determinava o interesse do sujeito em participar da próxima etapa. O sujeito tinha três possibilidades de respostas: “não”, “sim” e “talvez”. O respondente que optou por não participar foi encaminhado para o fim do questionário. E aquele que respondeu “sim” ou “talvez” foi encaminhado para o preenchimento de dados para o contato, foram solicitados o nome, telefone e e-mail. Dessa forma, buscamos que os respondentes se sentissem à vontade em participar ou não, sem constrangimento.

Para tranquilizar os candidatos colocamos um informativo declarando que a entrevista poderia ser realizada de duas formas: *online* ou presencial. No caso, da presencial obedecendo todos os protocolos de segurança. A possibilidade de realização da entrevista em ambas as formas proporcionou a oportunidade de confrontar as limitações e contribuições de cada uma.

Ao fim do questionário, obtivemos 7<sup>17</sup> respostas “Sim” e 2 “talvez”. Entre os respondentes, havia apenas 1 homem. No entanto, achamos por bem selecionar os 4 primeiros egressos a responderem “sim” para a entrevista, a quantidade escolhida representou 50% das possibilidades de entrevista, incluindo aqueles que

---

<sup>17</sup> Constatamos que um questionário foi forjado visto que não trazia respostas, pois este apresentava apenas o recurso de “.” para prosseguir para a próxima pergunta e por isso precisamos descartá-lo, totalizando a 6 respostas “sim”.

responderam “talvez”. A escolha pelos que optaram pelo “sim”, se deu em virtude de uma maior probabilidade de consentimento. Essa escolha também possibilitou a variação do tempo de participação dos egressos ao Programa Curumim.

As selecionadas foram 4 mulheres na faixa de 18 a 31 anos, sendo, duas de 31 anos, uma de 30 e uma de 18. O contato foi realizado via o aplicativo de mensagens *WhatsApp*, todas aceitaram participar da entrevista. Das 4 entrevistadas, 2 optaram por realizá-la presencialmente.

A primeira entrevista foi realizada com uma frequentadora da instituição que já tinha contato, acreditei que por ter certa proximidade com ela, seria indicado que ela fosse a primeira. Ela optou por ser entrevistada presencialmente, combinamos de nos encontrarmos à tardezinha em uma praça próxima a instituição em um feriado. No entanto, ao aproximar da data o tempo havia mudado a tal ponto que supomos que não seria um local adequado, a entrevistada então, ofereceu para que fosse realizada em sua casa que era próximo ao local combinado.

No dia da entrevista o tempo estava realmente fechado com a possibilidade de chuva, quando cheguei à casa da depoente a mesma encontrava-se de máscara e convidou-me para entrar. Ela já havia se organizado para a entrevista, parecia confortável com a situação. Entregue o TCLE para a depoente, foi solicitado que lesse para verificar se concordava, antes de assinar mencionei brevemente qual era a proposta da pesquisa e questionei se tinha alguma dúvida. Após assinar, expliquei que colocaria o gravador próximo a ela para que não perdesse nenhuma fala importante. E assim, decorreu a primeira entrevista.

A segunda entrevista foi realizada *online*, logo no primeiro contato solicitei que a depoente mencionasse qual era o melhor meio para entrevista, ela deu algumas opções e após escolhermos decidi que era necessário realizar testes antes da entrevista. Alguns dias antes realizei os testes e estava confiante que tudo correria bem. No dia da entrevista decidi entrar novamente para outros testes, mesmo após verificar achei que seria adequado me preparar para possíveis falhas. No horário combinado entrei em contato com a depoente, que logo, acessou a plataforma *Teams*. Nos apresentamos, relatei brevemente a proposta, questionei sobre a gravação e ela concordou. Coloquei para gravar pela plataforma e pelo gravador de áudio do celular, iniciamos a conversa que fluiu de forma bem tranquila e rápida. Ao fim, nos despedimos e ela se retirou da conversa, percebi que houve uma falha e a plataforma

utilizada não gravou, entretanto, pude utilizar a gravação opcional o que me tranquilizou.

A terceira foi realizada na casa da entrevistada, ao chegar na casa logo fui atendida e a depoente parecia bem à vontade, se demonstrou interessada em compreender a pesquisa, assim, entreguei para ela o TCLE e relatei a proposta. Tivemos uma longa conversa, que despertou grandes emoções.

Por fim, a quarta entrevista foi realizada *online*, abertura para a realização da entrevista *online* proporcionou o acesso à entrevistada que mora em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Algo que não seria possível se tivéssemos mantido a proposta inicial. Além disso, atenta a falha de gravação da outra entrevista, optei por utilizar a plataforma *Zoom* e a entrevistada concordou. Novamente deixei o gravador do celular ligado por segurança, ocorreu tudo bem. Durante a entrevista tive a impressão de que a depoente estava um pouco nervosa, mas ela relatou que estava bem atarefada nos últimos dias, logo concluí que fosse esse o motivo. A entrevista decorreu de uma forma descontraída e a entrevistada relatou uma intensa relação com o Sesc.

As entrevistadas demonstraram acolhimento a pesquisa desde o princípio, o que demonstrou o carinho por suas lembranças relacionadas ao Sesc e ao Programa Curumim. A escolha pela entrevista semiestruturada demonstrou-se produtiva, uma vez que as entrevistadas além de falarem abertamente, não preocupavam em responder apenas aquilo que era solicitado. No próximo capítulo está organizado o resultado da construção da leitura realizada a partir da pesquisa bibliográfica em conjunto com as falas das egressas.

## **CAPÍTULO 3 – DIFERENTES LEITURAS SOBRE O PROGRAMA SESC CURUMIM**

Esse capítulo traz uma leitura das memórias de egressos do Programa Curumim de Taubaté que passaram pelo Programa quando crianças e atualmente adultos foram convidados a relatar sua perspectiva sobre o mesmo. Primeiramente, realizou-se a leitura e organização das respostas dos questionários, depois a transcrição das entrevistas e, por fim, a organização das narrativas nos seguintes tópicos: a relação com o Sesc, as repercussões e contribuições do Curumim e a relação das egressas com a escola.

A pesquisa teve como parâmetro no processo de levantamento e análise de dados os procedimentos utilizados por Costa (2016). Dessa forma, o capítulo apresenta trechos das falas coletadas a partir dos questionários e entrevistas, analisados a partir do referencial teórico. Para garantir o anonimato dos sujeitos, optou-se por identificá-los como S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8, S9 e S10, nos quais somente os sujeitos S1, S2, S6 e S7 participaram das entrevistas.

### **3.1 Relação com o Sesc**

Durante a análise de dados buscamos ponderar sobre as circunstâncias nas quais os egressos estavam envolvidos desde a infância até a trajetória da vida adulta, quais as variáveis que interferiram em suas lembranças e falas. Vale ressaltar que não procuramos uma resposta racional e singular, na realidade, buscamos por elementos que possibilitem a reflexão sobre as variáveis que interferiram no processo de desenvolvimento dos egressos levantando hipóteses sem a intenção de resoluções *a priori*.

Ao voltarmos nosso olhar para a relação dos egressos com o Sesc, pretendemos compreender o papel exercido pela instituição, enquanto espaço educativo. As perguntas feitas nas entrevistas permitiram constatar particularidades e elementos que influenciaram as egressas, se manifestando naturalmente e em alguns casos precisando de perguntas mais específicas, direcionando a conversa para determinado ponto que chamou a atenção.

Assim, assumindo a função de entrevistador empenhando-se em não interferir nas falas das entrevistadas de modo que influenciasse as respostas e cuidando para

distanciar a possível impressão de frieza e até desinteresse. “Para tal é muito importante que saibamos escutar, não apenas as falas mas também os silêncios que acompanham ou interrompem aquelas falas” (GOHN, 1998, p. 522).

Quando questionados sobre o responsável pelo ingresso ao Programa Curumim, onde procuramos compreender as particularidades do ingresso, a resposta que prevaleceu foi que a mãe havia sido a responsável, apenas, uma depoente relatou que o interesse partiu dela própria e seu irmão. Em todos os casos, as entrevistadas já tinham uma proximidade com a instituição, afetiva e/ou geográfica, antes de entrar no Programa Curumim. O que indica que o fato de as mães terem optado por inseri-las no Programa se deu pelo conhecimento prévio sobre a instituição.

Em diversas das falas as entrevistadas demonstraram uma relação de proximidade com o Sesc, visto que essas eram frequentadoras. Além disso, todas egressas entrevistadas moraram, em algum momento, próximo à instituição, sendo assim, tinham um vínculo já estabelecido com o espaço. Esse vínculo que as egressas revelaram, supomos que inicialmente se deu pela proximidade de suas residências, tornando um espaço acessível e seguro para o lazer. E ao longo do tempo e da participação nas atividades e programas oferecidos tornou-se um vínculo afetivo.

Nos relatos as depoentes indicam que quando crianças frequentavam o Sesc por conta das peças de teatro, idas a piscina, atividades de fim de semana e outros programas voltados para a infância. A instituição aparece nas narrativas como local de convivência e crescimento. “*É bem essa relação com Sesc mesmo, era o quintal da nossa casa*” (S7) e “*é uma coisa assim que eu falo que eu não quero largar nunca*” (S1). O que demonstra o apego e sentimento de pertencimento que essas frequentadoras desenvolveram com o passar do tempo. Em alguns casos a relação se deu de tal forma que se tornou um hábito familiar, uma das egressas conta que seu filho é um frequentador assíduo de tal modo que é reconhecido pelos funcionários, ela também declara a dificuldade sofrida pelo fechamento durante o período de isolamento social.

A relação entre as egressas e o Sesc mostrou-se uma relação contínua, pois essas também citaram a participação em outras atividades e programas após o Curumim. A S2 menciona “*até dias antes de me mudar para Campo Grande, Mato Grosso do Sul, eu tava fazendo a minha matrícula do Sesc Taubaté*”. Em outra fala a egressa afirma sobre a importância que o Sesc teve em diferentes aspectos e cita que a soma de tudo que a instituição oferece favorece esse vínculo, uma vez que no

mesmo lugar é possível encontrar peças de teatro, atividades para todas as gerações, ginástica multifuncional, piscina, curso de culinária, artesanato, oficinas, shows, entre outras opções. E ainda ser um espaço bem cuidado, administrado, com áreas verdes.

*S2: [...] enfim o Sesc me proporcionou uma coisa muito legal, no sentido assim, de eu me preocupar com a minha saúde, física, mental. De higiene bucal, é tudo...Devo ao Sesc.*

Além disso, a entrevistada compartilha que em sua fase adulta foi estagiária do esportivo do Sesc e depois retornou como educadora temporária do Programa Curumim. Afirmando que para sua vida profissional essa atuação foi gratificante, algo que ela se empenhou fortemente para conquistar, “*foi tipo a realização de um sonho*” (S2). Ao solicitar que a entrevistada especificasse como havia sido a experiência de ter passado pela instituição em diferentes momentos e de diferentes formas, ela relata que quando estagiária deixou se levar pelo entusiasmo de ter o contato com o Programa Curumim novamente, na época em que realizou o estágio os estudantes atuavam em forma de rodízio nas atividades e programas, é interessante que esse método funciona como meio de ampliar o repertório profissional.

Já quando, a depoente cita sobre a sua função como educadora, parece remeter a um sentimento de maturidade. Como se a partir da formação, sua compreensão sobre o papel que exerceria se fez clara, “*e foi legal que teve troca né, de conhecimento profissional, troca de conhecimento da vida assim*” (S2). Em outra de suas falas, a depoente expressa uma concepção semelhante ao reportada em nosso capítulo anterior, sobre as particularidades das experiências.

*S2: [...] então tudo que eu desejava que as crianças pelas quais eu estava responsável é que elas vivessem as experiências delas. Eu não ficava me preocupando em passar para elas o que eu vivi porque eu entendo que cada ser humano é diferente, cada um tem sua experiência, cada um tem a sua vida. A gente pode fazer a mesma atividade, mas eu vou ter um tipo de experiência e você vai ter outra.*

O fato de os entrevistados conhecerem o espaço garantiu até certo ponto o entusiasmo e aceitação em participar do Programa. Uma das depoentes relata que a dificuldade inicial foi ser afastada da mãe durante o horário que estava no Curumim e outra depoente declarou que o interesse na participação surgiu dela demonstrando

tranquilidade nesse afastamento, reconhecemos que um fator que pode ter contribuído para a facilidade em um caso e dificuldade em outro, é a relação de idade, no primeiro caso a participante entrou com 8 anos e já no segundo o ingresso se deu aos 11 anos. Ambas se encontravam em períodos de maturação diferentes, o que pode ter ocasionado as reações discordantes.

Apesar de a S1 alegar que encontrou dificuldades no início, ela também admite ter sido algo novo. Refletindo sobre esse apontamento e imaginando as condições nas quais esse contato era feito, supomos as idas a instituição se dava sob a tutoria de um adulto conhecido, possivelmente a própria mãe, para atividades previamente planejadas ou estabelecidas, no momento essas possibilitavam que a criança se retirasse caso ela ou um adulto desejasse.

A intencionalidade educadora que o Sesc assegura ao manter os espaços conservados, trazer diferentes propostas de lazer, expandir o repertório cultural, explorar os conhecimentos regionais, propor inovações, fornece experiências que os frequentadores vivenciam na instituição e transforma-as em marcas do que foi vivido e sentido. Fernandes (2005, p. 2) menciona que “O vivido implica em ter passado pela experiência, ter sido exposto ou expor-se, ter permitido o acontecimento em si do conhecido e do novo, do inusitado, do imprevisto. Implica criar significados. A vivência permite o conhecimento”. Assim, podemos compreender que o vínculo estabelecido com o espaço da instituição faz parte do processo de formação na modalidade educação informal.

O espaço, conforme vimos anteriormente, desempenha um papel importante nas modalidades da educação. Segundo Gadotti (2005) na educação não formal o espaço da cidade, por exemplo, é demarcado pela descontinuidade o que torna as interações sujeito-espaço e sujeito-sujeito dinâmicas. Marandino (2017), apesar de ter um olhar voltado para os atores, cita espaços que desempenham diferentes funções educativas, o que como podemos ver é o caso do Sesc, que atua como espaço de educação informal e não formal.

### **3.2 Contribuições e repercussões da participação no Programa Curumim**

A passagem pelo Programa Curumim mostrou-se significativa para os egressos, uma vez que resultou na vinculação e o sentimento de pertencimento a um grupo. O que nos faz acreditar que o vínculo afetivo se manteve de tal modo que

houve o cuidado e preocupação em partilhar suas lembranças e sentimentos. As narrativas dos egressos foram repletas de elogios e nostalgia, o que pode ter suprimido os fatores negativos. O recurso do questionário possibilitou que mesmo de forma distante as vozes dos egressos ecoassem, demonstrando que mesmo aqueles que por algum motivo não quiseram participar da entrevista, se disponibilizaram por dividir seus olhares sobre o Curumim.

É preciso lembrar que a memória sofre interferências, podendo ser demarcada pelas sensações que o participante sentiu ou sente ao relebrá-las. Pensando em valorizar o peso dessas memórias partimos da história oral de caráter biográfica dos egressos para registrar, mesmo que de uma forma breve, as contribuições sobre a participação ao Programa Curumim em Taubaté, propondo não deixar se apagar as informações, as relações, os acontecimentos. Ao registrar as memórias dos egressos, contribui-se para a construção de um mosaico sobre o Programa Curumim de Taubaté.

[...] pois a realidade não pode ser apreendida no seu todo e a ela são dados sentidos segundo pontos de vista. Logo, é sempre, literalmente, parcial. Entretanto, o que se busca é a construção de uma versão o mais próxima possível do universo recortado da realidade, através da inclusão e discussão de diversos olhares e falas dos sujeitos envolvidos (FERNANDES, 2005, p.15).

Assim sendo, reconhecemos que o trabalho com memória revela parte da história, compreendemos que ao entrevistar os egressos lidamos com diferentes perspectivas que podem apresentar limitações. Visto que a “Memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (POLLAK, 1992, p. 203).

As respostas obtidas nos questionários nos permitiram conceber que os egressos mantiveram um grande carinho pelo Programa Curumim. Uma vez que eles anunciam que “*era muito bem elaborado e organizado*” (S6), “*era incrível, eu adorava, sempre muito divertido*” (S1), reconhecendo como “*um lugar muito gostoso, onde fazíamos amizades, obtemos conhecimentos, íamos a passeios, era muito bom*” (S5). Os elogios sobre o Programa foram diversificados, mas sempre positivos, dentre as falas focalizamos nessa que abrange a maioria dos elementos pontuados pelos demais.

*S8: O curumim era a parte mais legal do meu dia. Lá eu tinha oportunidade de brincar, viajar, aprender coisas novas, interagir com outras crianças, entre outras atividades que marcaram minha infância de forma positiva.*

O questionário permitiu verificar a convergência das perguntas bases que compuseram o roteiro de entrevista (apêndice 1). Nas respostas do questionário esteve presente as temáticas: atividades, professores, participantes, passeios. O que demonstrou que a seleção de perguntas para as entrevistas foram boas escolhas, a fim de ter um melhor detalhamento sobre essas temáticas.

Em resposta à pergunta feita no questionário sobre o que os egressos mais gostavam no Curumim, pontuamos a fala do S10. Para ele, a *“liberdade de sermos nós mesmos e a constante possibilidade de pensarmos “fora da caixa”*”, foi algo significativo para a infância. Visto que apesar das conquistas em relação às concepções sobre as crianças reconhecemos que ainda são encontradas a ideia de que a criança precisa ser guiada o todo tempo, nas suas formas de ser, agir e pensar. Nesse caso, o Programa Curumim propõe o exercício da autonomia como direito. Segundo Freire (2013), “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (p. 58). A possibilidade de expandir seus pensamentos e ser quem realmente corresponde a essa compreensão, portanto, precisa ser garantido como direito.

Supondo que as pessoas poderiam se sentir coagidas a relatar somente as boas lembranças e desejando nos certificar em garantir o espaço para aspectos negativos que podem ter marcado a memória dos egressos, questionamos aos egressos sobre o que menos gostavam do Curumim. E esses sinalizaram que as atividades eram o principal motivo para a antipatia, mencionando momentos de reflexão, filmes, teatro.

Em sua resposta o S10 menciona que não gostava *“das intrigas que por vezes emergiam entre as crianças”*. A S7 respondeu que não gostava dos *“horários”*, o que nos levou a refletir, sobre o que precisamente a respondente se referia. Pressupomos que pode ser o fato do Programa Curumim em Taubaté ter tido somente o período da tarde durante muitos anos, o que durante a entrevista foi indicado como empecilho para a egressa. Ou talvez a organização dos horários, das atividades.

Parte dos respondentes mantiveram uma posição otimista em relação ao Programa, afirmando que não tinha nada que não gostasse ou que gostava de tudo.

Alguns definiram o momento da partida como algo ruim, fosse ela ao fim do horário ou do Programa. A divergência entre as opiniões é algo que reconhecemos como natural, pois a percepção sobre as lembranças denota as especificidades de cada indivíduo.

Por fim, quando questionado no questionário sobre a importância do Programa na vida dos egressos, são enumeradas pelos respondentes argumentos voltados para o seu processo formativo. Os aprendizados pontuados por eles são sobre:

*S3: me ajudou na formação, podendo descobrir, aprender*

*S4: Eu aprendi a ter disciplina.*

*S6: me ajudou na convivência*

*S7: me ajudou a ser independente*

*S8: lá consegui aproveitar minha infância e fazer amigos que levo até hoje*

*S9: influenciou significativamente minha personalidade e simpatia*

*S10: me permitiu desenvolver habilidades de trabalhos em grupo e a capacidade de pensar de forma mais criativa, para resolver problemas*

Sublinhamos a fala da S1 que parece representar bem todas as respostas: “*O curumim me ensinou a ver o mundo de outra forma*”.

A intensidade dessas narrativas confirmou a entrevista como forma adequada para alcançar uma maior riqueza de detalhes, possibilitando que os elementos presentes nas respostas dos egressos fossem mais bem estruturados nas falas. Visto que com a aproximação, a possibilidade de reformulação, construção e reconstrução das falas e das respostas do questionário permitiu que as egressas aprofundassem seus discursos.

Pollak (1992) destaca três variáveis para discutir sobre a constituição da memória, são elas, acontecimentos, lugares e personagens. Essas variáveis ora ou outra manifestam-se nas palavras dos egressos, tanto nas respostas dos questionários como na realização das entrevistas, demonstrando que apesar das lembranças se dissiparem em alguns casos, há elementos que são tão significativos que perpetuam na memória.

Nos discursos, os personagens que aparecem são os educadores e participantes, os acontecimentos aparecem principalmente em relação a viagens, e por fim, os lugares aparecem como vinculados às viagens. Mas, também relacionados

ao Sesc enquanto espaço de lazer, que como foi comprovado anteriormente tem uma conexão incorporada a vida das egressas que foram entrevistadas.

Durante as entrevistas foi enaltecida a relação construída com os educadores. Nas falas as egressas demonstram terem sido marcadas por uma relação de carinho e horizontalidade. A S2 parece procurar as melhores palavras para descrever:

*A relação com os professores, cara. Era muito aberta e a gente brincava muito. A gente tinha liberdade pra falar, pra reclamar, pra pedir e tinha muito respeito né. [...] Era muito gostoso porque era muito leve a relação, não tinha cobrança...Cobrança tinha... Eu não consigo explicar de tão bom que era.*

Nota-se a partir das falas um sentimento vinculado a amizade, a liberdade, de conhecimento e reconhecimento. As egressas ressaltam a proximidade dos participantes com os educadores, reforçando o envolvimento deles. Elas contam que os educadores conheciam bem os participantes a ponto de se inteirar sobre suas famílias, não por uma questão de obrigatoriedade. O afeto é bem expressado na fala a seguir: “[...] *não é uma criança que ele só tá vendo no Curumim durante o ano e depois acabou o ano vem outra turma né. Eles viram a gente crescer né*” (S7).

A convivência com os educadores mostrou-se como algo que se estendia para além do Programa Curumim, pois, os profissionais atuavam em outras atividades da instituição. Nos depoimentos da S2, S6 e S7 um educador é citado em especial, por também ser professor de educação física em uma escola próxima a unidade na qual as egressas frequentaram.

As depoentes também afirmam que mantém contato com os educadores até hoje. A relação com os educadores teve tamanha intensidade que para uma das entrevistadas repercutiu em sua vida profissional, desde a escolha da “*graduação*” como também “*inspiração*” (S2) da prática educativa. Em outro momento, a depoente explica que sempre gostou de esportes e declara novamente sobre a opção de sua graduação estar associada aos educadores e estende a motivação às experiências vividas no Programa.

Durante a análise das entrevistas ficou evidente que alguns fatos apareciam mais de uma vez mesmo com a conversa sendo guiada pelo roteiro. O que demonstrou que quanto mais se fala de um assunto faz-se o exercício de lembrar e assim retoma-se elementos que se acreditava terem sido apagados. Ao registrar

essas falas, permite-se o que Fernandes (2005, p. 29) determina como idas e vindas na leitura sem perda de sentido.

As egressas ao relatarem sobre a relação com os participantes, explicavam que parte dos colegas de Curumim também eram colegas de escola, alguns já com relações já estabelecidas e outros que só se tornaram amigos após participarem do Programa. A S2 chega a comparar que a relação com os colegas de escola, onde ela diz que no Curumim ela nunca teve problemas e na escola sim. Três das quatro egressas entrevistadas relataram terem amizades que começaram no Programa e mantiveram-se até hoje.

É interessante que S7 menciona sobre romper a barreira do primeiro contato, ela também relata em outras de suas falas que sempre foi uma pessoa tímida e que se cercava de pessoas que tinham as mesmas preferências. O que nos faz refletir que a participação contínua em espaços nos quais as pessoas têm um contato recorrente, torna a socialização possível e até inevitável. A depoente ainda ressalta a contribuição da participação ao Curumim nessa superação. S7:” [...] *E isso o Curumim trabalhou bastante, porque o Curumim mostra que as pessoas são diferentes né. E uma hora vai ter que conviver todo mundo*”.

Outras repercussões como essas são citadas pelas entrevistadas, tal como, o sentimento de partilha. A egressa S2 revela que na infância a sua família tinha condições financeiras precárias e que por isso, ela tinha grande dificuldade em partilhar com outras crianças e atualmente, a presença do sentimento de partilha e doação se destacam nela. Já a S6 revela que participar de um grupo maior e ter que tomar iniciativa foi uma das primeiras oportunidades de convivência, ela ainda reforça que antes do Programa a sua maior convivência era com o irmão e que o Curumim permitiu uma articulação em conviver com crianças de diferentes idades e jeitos de ser.

Para elas o Curumim ganhou a conotação valiosa para a história de vida e a construção da cidadania, principalmente o senso de justiça, respeito, organização, seguir regras e de responsabilidade política. Em sua fala a S7 esclarece que o Curumim é uma comunidade, e como tal apresenta a diversidade. A participação se mostra importante e motivo de orgulho para a S2: “*Significou a construção do meu eu né. De quem eu sou. [...] Eu gosto muito. Eu falo muito pras pessoas até hoje... Quando eu fazia Curumim...Sabe? Tá cravado em mim. Esse meu jeito de ser, eu devo ao Curumim*”.

O Curumim apresenta variedade nas atividades, mas nas entrevistas ficaram registradas atividades de cunho artístico e esportivo, quando citadas as atividades as depoentes sempre relatavam sobre a sua preferência, comprovando sobre seletividade da memória. Atividades esportivas, brincadeiras cantadas, contação de histórias, show de talentos, festa de aniversário, piscina.

As atividades aquáticas foram apontadas como um privilégio, já que, conforme a S6: *“Há 15 anos atrás num tinha acesso a piscina, igual se tem hoje. [...] Então, era o top de Taubaté você participar do Curumim e ter acesso a piscina todo dia, tarde inteira.”*

A S7 assume que tinha preferência por atividades manuais, principalmente quando tinha a possibilidade de levar para a casa. E compartilha que as atividades de culinária representavam motivo de empolgação, pois o que era feito na atividade era servido no lanche, gerando a expectativa de que os colegas aprovassem algo que foi feito por eles.

O fato de os participantes terem opções para escolher as atividades trazia contentamento e satisfação para eles, tornando-se até cômodo. Apesar desse conforto, a depoente relata que quando as atividades não eram de sua preferência gerava estranhamento. E que algumas crianças começaram a optar por não participar da atividade, se propondo a contribuir na organização de materiais e espaço em conjunto com os educadores. Entretanto, confessa que algumas crianças começaram a se afastar das atividades e ficar distantes da tutoria dos educadores, o que levou a chamada de atenção. E reconheceu que

*S7: a partir dali eu entendi que... Cara, não é possível que não tenha nada que você não gosta de fazer [...] Pode não ser o que você esperava, pode não ser cem por cento do que você gostava, mas atividade tá ali. E eu acho que é isso também que a gente leva pra vida. Algumas atividades na vida a gente vai ter que fazer mesmo não gostando.*

As viagens e passeios foram descritas como oportunidades em conhecer outras cidades, participar de eventos mediados pelos educadores e outros profissionais, como idas a museus, conhecer parques florestais, praia, entre outros. Elas reconheceram que durante a infância não teriam a possibilidade em fazer passeios

parecidos com os que a instituição proporcionou. Uma das egressas expõe que em sua infância se recorda de apenas dois passeios em família.

Nas narrativas das egressas as viagens aparecem como motivo de euforia, oportunidade de conhecer outros lugares e pessoas. Nessas falas aparecem a expansão de conhecimentos e a construção de algumas noções, nas quais destacamos as seguintes:

*S1: [...] eu nem sabia que existia outros Sesc naquela época.*

*S2: E cada relação nova que a gente faz é a experiência né. Vivência. Eu consigo, falando dessas viagens, eu consigo lembrar muito bem e com clareza o que eu vi, o que eu conversei com as pessoas.*

*S7: [...] nem sempre a gente tinha noção de onde era.*

Apenas uma egressa informou não ter viajado com o Programa, o que é compreensível já que a sua participação no Programa foi curta, inferior a 1 ano. As viagens eram realizadas na maior parte das vezes gratuitamente ou com pequenas taxas. Mesmo assim, a depoente S7 relata que alguns participantes não tinham condições de arcar, mencionando que por vezes os professores e os responsáveis se juntavam para arcar com os gastos, no momento do relato ela se emocionou por relembrar dessa dificuldade dos colegas.

A entrevista com a S7 foi surpreendente, pois no questionário suas respostas foram sucintas, logo, imaginamos que assim procederia na entrevista. Entretanto, ela levantou diversos elementos ao longo da conversa. O que confirmou que a escolha pelos entrevistados de modo quase aleatório, sem utilizar o critério de conteúdo das respostas, foi uma possibilidade de verificar se as expectativas seriam ou não atendidas e que apesar do questionário ter se mostrado útil para encontrar e aproximar os sujeitos, somente ele não daria conta do objetivo da pesquisa.

O Programa Curumim é pautado em princípios democráticos e por isso busca garantir espaços de diálogo, a relação dos participantes com o Programa demonstra que o ambiente transmitia segurança para que eles se expressassem. Rememorar sobre esse aspecto, fez com que a egressa se recordasse de uma situação na qual as crianças não queriam que o colega fosse a uma viagem devido ao seu comportamento com os demais, as reclamações foram tão recorrentes que esse assunto foi debatido em uma roda de conversa, na qual todos tiveram oportunidade

de se posicionar diante da situação, com a mediação dos educadores, as crianças entraram em acordo.

O processo de ensino-aprendizagem no Programa se faz na prática e na relação com o “meio” e com “outro”, para isso, é preciso lidar com as diferenças de forma consciente. Possibilitar a fala das crianças em demonstrarem como se sentiam em relação ao colega e permitir que ele se colocasse diante da situação tendo o educador como mediador proporcionou a reflexão sobre a situação de forma democrática. Segundo Gadotti (2005, p. 5) “As crianças precisam participar, desde muito pequenas, da construção de suas vidas, precisam tomar parte das decisões sobre o que lhe diz respeito” e afirma que a democracia não é inerente às crianças, elas tornam-se democráticas exercendo a cidadania.

O protagonismo dos participantes também aparece na fala da S1, ao dizer que em conjunto com outros colegas e com o auxílio de uma educadora, montaram um jornal, algo que foi significativo a ponto de a egressa cogitar a possibilidade de se graduar em jornalismo. Ela igualmente atribui ao Programa o seu interesse pelo teatro, citando oficinas que faziam no Programa vinculado com uma ação social com idosos. A depoente afirma que fez um curso de teatro, mas apesar de ser algo bem apreciado, não é algo que afirme prosseguir em sua vida.

Para as egressas sair do Programa Curumim foi um processo difícil, com a sensação de perda, o sentimento de tristeza. A S2 relata que a sua impressão sobre ter que sair do Programa traria o desamparo, a sensação de estar perdida. Já a S6, menciona o sentimento de arrependimento em não ter entrado antes no Curumim. Das entrevistadas apenas uma saiu antes de completar a idade, a S7, ela narra que na época sua escola sofreu uma alteração em relação a horário, o que fez com que ela se transferisse para o período da tarde e como o Curumim só tinha nesse período foi necessário que ela saísse. Ela aponta que foi algo doloroso, mas que o fato de os colegas do Curumim estudarem na mesma escola facilitou esse processo.

Em alguns casos as egressas recorreram a novas experiências após a saída do Programa, se inscrevendo em outros programas da instituição ou buscando outras propostas fora dela.

O funcionamento do Programa Curumim como mencionado no primeiro capítulo molda-se pelas características do contexto em que está inserido, ou seja, onde a unidade está localizada, as disposições de material e espaço, a formação e experiências dos educadores, os grupos de participantes. Como 3 das 4 egressas têm

idades próximas, participaram do Curumim com o mesmo formato. Elas vivenciaram um Programa diferente da S1, que tem 18 anos, somado a isso temos também o fato que o afastamento temporal pode trazer construções e reconstruções que alguém que saiu a menos tempo do Programa ainda não teve elementos suficientes para comparar, refletir, rememorar, o que pode justificar que alguns elementos se mostraram mais intensos para o grupo de egressas que participou na década de 90.

Quando questionado sobre incentivar crianças a participar do Programa, a S2 conta que incentiva filhos de amigos. E acrescenta: *“É o meu sonho voltar pra Taubaté só para minha filha fazer Curumim no Sesc Taubaté”*.

As contribuições e repercussões citadas pelas egressas demonstram um impacto na construção principalmente nas relações humanas, corroborando para a socialização dos indivíduos e as implicações que surgem desse processo. Podemos dizer que o conteúdo das entrevistas permitiu que constatássemos na prática o conceito de educação não formal como “um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade” (GOHN, 2014, p. 40).

### **3.3 Relação das egressas com a escola e o Curumim**

O Curumim nas falas das egressas surge como uma oposição à escola, no sentido que o espaço era livre, espontâneo, expressivo e que para elas a escola negava esses aspectos. Mediante as falas, é possível constatar um modelo de escola rígido, voltado para a concepção bancária de educação, na qual o educando deve ser passivo e dócil para que aprenda e que cabe ao professor preenchê-lo com o conhecimento. Segundo Freire, essa forma de educação “tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade” (1987, n.p.).

As egressas afirmam a relação com a escola como algo chato e denso, com as carteiras enfileiradas e o constante controle sobre movimentos e falas, compreendendo que o formato não é atraente. E que no caso do Curumim, o fato de ter opção é destacado pelas depoentes como uma proposta de liberdade, onde é possível se expressar, falar, questionar. Ao longo das entrevistas as características elencadas por elas, voltam-se para a relação vertical estabelecida entre a escola com seus educandos, tornando algo estafante, segundo uma das depoentes, feito apenas

pela obrigação. A S6 reflete que *“no Curumim, é uma ligação muito maior. Porque a criança quer tá ali, quer participar. É uma relação muito melhor com que professor escolar. Relacionamento entre as partes”*.

A colocação feita pela S2 demonstra que as atividades práticas poderiam aproximar a escola dos educandos. *“Puxa, criança quer se mexer, se movimentar, quer falar, quer ver, quer criar. E na escola a gente não tem essa liberdade né”*.

A fala sobre a possibilidade de ter escolha é expressa pela S7:

*[...] porque era assim, ah hoje o esporte é futebol ah não gosto de futebol eu vou procurar outra coisa. Então era diferente do esporte por exemplo apresentado na educação física da escola, que tipo hoje é futebol, é só futebol. Você não tem mais nada para fazer, então.*

Reconhecemos que ao longo dos discursos das egressas, que além do papel desempenhado pelas relações estabelecidas no Curumim e as contribuições de convivência, são destacadas três categorias de atividades, são elas: o livre brincar, esportivas e artísticas. Então, participar do Programa Curumim trouxe uma concepção diferente das experiências das egressas com as disciplinas de Educação Física e Arte na escola, principalmente, porque no Curumim havia a opção de escolher a atividade. Entretanto, como visto anteriormente, mesmo o Curumim oferecendo opções de atividades variadas para os participantes, nem sempre ficavam satisfeitos. Conforme pontuado nas respostas do questionário e nas falas das entrevistadas.

Uma das depoentes levanta certa desconfiança sobre a sensação de liberdade.

*S2: Tinha muita liberdade, eu não sei se era uma coisa conduzida, porque eu lembro que quando eu fui instrutora que eu conduzia muitos os alunos, os alunos não, os curumins. Eles achavam que eles tinham liberdade pra tudo né mas não era, era aquela coisa direcionada né. Mas enfim, eu acho, que é isso liberdade e informalidade.*

Consideramos natural a depoente levantar certas desconfianças sobre a liberdade, uma vez que não são raros os relatos de que as crianças devem ser orientadas pelas vontades do adulto. O que pode ter passado despercebido a ela é que a autonomia é construída em conjunto com a liberdade, ou seja, como o Programa Curumim tem por princípio o exercício da autonomia, a liberdade naturalmente fará parte de processo. *“É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar*

centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas de liberdade” (FREIRE, 2013, p. 105). Pois é decidindo que se aprende a decidir.

Buscando ir além das comparações com viés de condenação da instituição escolar, realizamos o exercício de averiguação das contribuições do Programa Curumim para a vida escolar das participantes. Nessas falas surgiram a motivação em ir para a escola, visto que em outro horário estariam no Curumim e até mesmo em questão de conteúdo escolar, a S6 relata que no Curumim os jogos de raciocínio lógico ajudaram principalmente na disciplina de Matemática.

A depoente S7 afirma que o padrão seguido pela escola não a atingia, mesmo ela querendo aprender, também reconhece que com o tempo percebeu que uma das suas maiores dificuldades era acordar cedo. O que afetava seu desempenho na escola e afirma que na parte da tarde estava mais “esperta”. Por fim, destacamos o desabafo da egressa sobre sua dificuldade não ter sido identificada pela escola, nem pelo Programa.

*S7: Hoje eu entendo que era uma dificuldade minha, mas é uma dificuldade que a escola não identificou e quando não há comunicação da escola com o projeto Curumim, por exemplo, porque no Curumim eu era outra criança. Então vamos supor que sei lá, tipo que houvesse essa integração, essa comunicação entre os dois. [...] Se a escola iria fazer alguma coisa, aí eu já não sei né.*

O que podemos observar diante das falas das egressas e do aporte teórico levantado, em especial a citada anteriormente, é que apesar de autores reconhecerem a complementaridade das modalidades de educação, na prática ainda é possível notar um certo distanciamento entre as instituições.

Ao considerar o indivíduo em suas múltiplas dimensões, precisamos considerar há diferentes variáveis que interferem em sua construção e reconstrução. Logo, se as instituições estabelecerem uma rede de relações durável, buscando compreender e apoiar, nos aproximaremos cada vez mais do objetivo principal da educação, que é a formação integral do indivíduo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa pautou-se no referencial teórico de autores que contribuíram para uma perspectiva de educação para além dos espaços escolares, tais como, Paulo Freire, Moacir Gadotti, Carlos Rodrigues Brandão, Pierre Bourdieu, Maria da Glória Gohn, entre outros, que proporcionaram o olhar para a grandiosidade de possibilidades da educação. Seguindo para a análise da educação não formal e traçando o percurso até a compreensão do Programa Curumim, constatamos a importância das contribuições de espaços de educação não formal, institucionalizados, mas não escolarizados, na formação do sujeito.

Trouxemos a concepção defendida por Brandão (1986) ao reconhecer que não há um único modelo de educação e que o termo mais apropriado é educações. Pontuamos o papel da educação no desenvolvimento humano e na construção de uma sociedade democrática, inspirando-se em Freire (2013). Nessa direção, sustentamos em conjunto com menções a acontecimentos a reflexão sobre o direito à educação para todos, o que demonstrou que apesar dos avanços, prevaleceu e ainda acontece uma visão reduzida sobre a educação. O que nos levou para a discussão sobre as modalidades da educação: formal, informal e não formal. Com as contribuições de Bourdieu sobre o Capital Cultural e Social conseguimos ter um olhar cuidadoso para a distinção e complementaridade das modalidades.

Em seguida, nós nos voltamos para a trajetória do Sesc desde seu surgimento contextualizando sobre o papel desempenhado na sociedade brasileira, exemplificando as realizações da instituição, posteriormente encaminhamos para a apresentação do Programa Integrado de Desenvolvimento Infantil (PIDI) que levou a estruturação do Programa Curumim, um programa de educação não formal para crianças de 7 a 12 anos com mais de 30 anos de existência.

Apoiado principalmente nas obras de Pollak (1992) e Vera Brandão (2008), propomos o uso da memória como meio de verificação sobre o que permaneceu arraigado nas lembranças dos egressos sobre o Programa Curumim de Taubaté. Seguindo estes autores, reconhecemos a complexidade do trabalho com memória demonstrando ser desafiante, visto que ela é seletiva, sofre interferências, é construída e reconstruída constantemente. Procurando descortinar os contextos aos quais estavam inseridos os sujeitos, nós nos apoiamos na entrevista como forma de alcançar as memórias a partir das vozes dos egressos, motivados pelas obras de

Barra (2001), Galante (2006), Park & Fernandes (2015), Sartori (2016), Teixeira (2016), sobre o Programa Curumim.

Em seguida, relatamos o percurso até os egressos, desde a formulação dos instrumentos de coleta de dados inspirados na pesquisa de Costa (2016), Bento & Sousa (2018) e Petrachini Junior (2018). Os instrumentos escolhidos foram o questionário e o roteiro de entrevista pautado nos estudos de Manzini (2004). O questionário, inicialmente, foi utilizado para a aproximação do público da pesquisa, contudo, os resultados obtidos a partir dele possibilitou um rico material sobre o Programa Curumim de Taubaté. Comprovando que a estruturação do roteiro como orientador da entrevista era adequada para os objetivos da pesquisa.

Com os questionamentos presentes no questionário, desejávamos que os egressos se sentissem livres para participar da entrevista ou não e que não sentissem forçados a apresentar somente elementos positivos, ambas expectativas foram atendidas. As entrevistas foram resultado do exercício constante de assumir a escuta e a observação, sem se distanciar ou interferir em excesso nas falas das egressas, o que se mostrou desafiante.

As respostas do questionário serviram de parâmetro para as entrevistas, o que confirmou que a escolha dos sujeitos de modo aleatório, sem se pautar no conteúdo das respostas, superou as expectativas. Uma vez que com a realização das entrevistas foi possível aprofundar elementos que foram citados nos questionários e averiguar outras variáveis que foram apresentadas durante as narrativas. Outra conclusão que se deu desse processo foi que os elementos podem ser retomados como meio para reorganizar e reformular as falas, com intuito de compreensão ou como parte do processo de rememoração.

Por fim, relacionamos os resultados obtidos nos questionários e entrevistas com o aporte teórico construindo a leitura sobre o papel desempenhado no Programa Curumim na vida dos egressos. O que nos permitiu destacar a relação com o espaço de educação não formal, as contribuições e repercussões da participação ao Programa e a relação das egressas com a escola.

Com a realização das entrevistas pudemos perceber que a relação das egressas com o Sesc demonstrou um vínculo duradouro, constatando que o Curumim não foi o único vínculo com a instituição, visto que essas eram frequentadoras do Sesc antes de participar do Programa e esse hábito perpetuo depois da saída. Demonstrando uma relação de afeto com a instituição a partir do reconhecimento dos

funcionários e da proximidade com a residência, sendo considerada como uma extensão dela. O que nos leva a reconhecer que o espaço teve grande influência no processo de formação dos sujeitos, principalmente no âmbito da modalidade de educação informal.

A partir das respostas do questionário em conjunto com as entrevistas, foi possível verificar que a participação no Programa Curumim, significou contribuições e repercussões na vida dos egressos. Em concordância com Pollak (1992), pudemos destacar para a análise três variáveis que demarcaram as lembranças dos egressos, são elas: acontecimentos, lugares e personagens. A relação de afeto e proximidade com os educadores, amizades que foram construídas e são preservadas até hoje, desenvolvimento de habilidades sociais, sentimento de pertencimento, exercício de autonomia e democracia, viagens. Todos são elementos que constituem o Programa Curumim e possibilitaram a formação cidadã, conclusão em consonância com o aporte teórico, sobretudo as contribuições de Gohn (1998, 2006); Gadotti (2005); Freire (1987).

A escola acabou surgindo nas narrativas como comparação ao Curumim, onde as egressas pontuaram características voltadas para o modelo de educação tradicional, na qual a relação professor-aluno é vertical, há a presença de certa rigidez e o educando precisa ser passivo. Já a experiência relatada no Programa Curumim proporciona o desenvolvimento da autonomia, da democracia, do diálogo, da liberdade, das novidades. A partir dessas falas, visualizo enquanto pedagoga, que a escola precisa trazer espaços e momentos mais flexíveis para seu cotidiano para tornar o ensino-aprendizagem mais atrativo para os educandos.

Vale ressaltar que a maior parte dos egressos participou no mesmo período, o que demonstrou um olhar pautado no contexto em que o grupo estava inserido, fica a sugestão para que seja realizada uma investigação com egressos de outros períodos de tempo para traçar um comparativo das mudanças e constâncias do Programa Curumim de Taubaté.

Apesar da pesquisa ter como foco a educação não formal, nos pareceu inevitável discorrer sobre a formal e informal, o que nos leva a pensar que só é possível a formação integral do indivíduo se considerado o todo. A distinção deve ser feita para a compreensão e reconhecimento, mas as práticas precisam ser realizadas em conjunto para estabelecer uma rede de relações e alcançar os objetivos desejados.

No percurso da pesquisa novos olhares foram se dimensionando, por exemplo, na compreensão das limitações e capacidades de cada instituição, reconhecendo que as especificidades de cada uma ampliam as possibilidades para o trabalho com a educação.

Além de despertar o interesse para a área das ciências sociais de modo que significou na relevância da continuidade da pesquisa. Neste sentido, a realização da pesquisa possibilitou a expansão dos conhecimentos sobre a educação, desconstruindo preconceitos e possibilitando novos encantamentos. Ao terminar essa etapa, considero que desafios foram vencidos e novas metas foram traçadas.

## REFERÊNCIAS

BARRA, Lilia Marcia. **Projeto Curumim: o gerenciamento do lazer infantil no SESC Taubaté**. 2001. 107 f. Monografia (Especialização em Gerência Empresarial) - Universidade de Taubaté. Taubaté, SP. 2001.

[http://www.ppga.com.br/mba/2001/barra\\_lilia\\_marcia.pdf](http://www.ppga.com.br/mba/2001/barra_lilia_marcia.pdf)

BENTO, Amanda Thamires. SOUSA, Sebastiana Mendonça. **Evasão escolar na década de cinquenta: memórias de quem deixou a escola**. 2018. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade de Taubaté. Taubaté, SP. 2018.

BOURDIEU, Pierre. Capital social. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). **Escritos de educação**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

<https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-Escritos-de-educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 17. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino. Memória (auto) biográfica como prática de formação. **Revista @mbienteeducação**. v. 1, n. 1, jan/jul. 2008.

<https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/vera.pdf>

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília.

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/Emendas/Emc/emc59.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc59.htm#art1)

BRASIL, LEI n. 8069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL - Fundação Getúlio Vargas **Dicionário histórico-biográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV.

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/confederacao-nacional-do-comercio-cnc>

CONFERÊNCIA CURUMIM SP – 2019. **Publicado pelo canal Curumim Sesc Osasco**.

<https://www.youtube.com/watch?v=htoGNPE1Smo>

COSTA, Silvio Luiz da. **A luta pelo ensino superior: com a voz, os evadidos**. 2016. 222 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-18082016-155145/pt-br.php>

FERREIRA, Henrique Barcelos; OIENO, Maria Alice. Curumim: Reflexões coletivas sobre um mesmo programa. In: PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata

Sieiro (orgs.). **Programa Curumim: memórias, cotidiano e representações**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

FERNANDES, Renata Sieiro. **As marcas do vivido sentido: memórias de jovens ex-frequentedores de um projeto de educação não-formal**. 2005. 281p. Tese (doutorado) –Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 2005.

<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252889>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Institut international des droits de l'enfant. . Sion (Suisse), 18 a 22 outubro. 2005.

[https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/305950/mod\\_resource/content/1/Educacao-Formal-Nao-Formal-2005.pdf](https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/305950/mod_resource/content/1/Educacao-Formal-Nao-Formal-2005.pdf)

GALANTE, Regiane Cristina. **Educação pelo lazer: a perspectiva do Programa Curumim do SESC Araraquara**. 2006. 141 p. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Educação, UFSCar. São Carlos, SP. 2006.

<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2404>

GARCIA, Valeria Aroeira. **A educação não-formal como acontecimento**. 2009. 455 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2009

<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251690>

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal: um novo campo de atuação. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**. Rio de Janeiro, RJ. v. 6, n. 21, p. 511-526, out./dez. 1998.

GOHN, Maria da Glória. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. **Saúde e sociedade**. São Paulo, SP. v.13, n.2, p. 20-31. maio/ago. 2004.

[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902004000200003&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902004000200003&lng=pt&tlng=pt)

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: avaliação políticas públicas em educação**. Rio de Janeiro, RJ. v. 14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362006000100003&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362006000100003&lng=pt&tlng=pt)

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Revista Investigar em educação**. Porto, Portugal. v. 2, n. 1, p.35-50. 2014.

<http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/4>

MANZINI, Eduardo J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. **Anais do II SIPEQ**. Bauru, SP, 2004.

[https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini\\_2004\\_entrevista\\_semi-estruturada.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf)

MARANDINO, Martha. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? **Ciência e Educação**. Bauru, SP, v. 23, n. 4, p. 811-816, out./dez. 2017.

[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-73132017000400811&lang=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132017000400811&lang=pt)

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação e Sociedade**. Campinas, SP, 2002, v. 23, n. 78, p.15-36. 2002

[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302002000200003&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000200003&lng=pt&tlng=pt)

ONU. **Declaração universal dos direitos humanos**. Resolução 217 A III. Paris. 1948

<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>

PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro (orgs.). **Programa Curumim: memórias, cotidiano e representações**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

PETRACHINI JUNIOR, Carlos Rogério. Memórias de um programa de educação não formal do Sesc São Paulo: narrativas de ex-participantes do curumim. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**. n. 6, p.190-206. jun. 2018.

[https://www.sescsp.org.br/online/artigo/12201\\_CARLOS+ROGERIO+PETRACHINI+JUNIOR](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/12201_CARLOS+ROGERIO+PETRACHINI+JUNIOR)

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, RJ. v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, RJ. v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

<http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>

SARTORI, Gabriela Dias. **No espaço-tempo da brincadeira no Programa Curumim/SESC São Carlos: crianças e adultos, saberes em relação**. 2016. 119 p. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Educação, UFSCar. São Carlos, 2016.

<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7550>

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **Programa integrado de desenvolvimento infantil/PIDI**. São Paulo, Administração Regional no Estado de São Paulo, 1986. Apostila.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **Carta da Paz Social**. Departamento Nacional – Assessoria de Divulgação e Promoção: 2012.

<https://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/490c55a9-a7c5-4a25-83a4-bb2f09491dea/Carta+da+Paz+Social.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=490c55a9-a7c5-4a25-83a4-bb2f09491dea>

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **Nossa história**.

[http://www.sesc.com.br/portal/sesc/o\\_sesc/nossa\\_historia/](http://www.sesc.com.br/portal/sesc/o_sesc/nossa_historia/).

TEIXEIRA, Alexandre Francisco Silva. Lazer e educação infantil em São Paulo: O programa curumim e outros eventos. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**. n. 2, p.59-75. maio. 2016.

[https://www.sescsp.org.br/online/artigo/10228\\_ALEXANDRE+FRANCISCO+SILVA+TEIXEIRA](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/10228_ALEXANDRE+FRANCISCO+SILVA+TEIXEIRA)

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos**: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. UNESCO: Jomtien, 1990.

<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990>

## ANEXOS

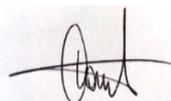
### ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **Uma leitura do Programa Curumim Sesc Taubaté: a voz de seus egressos**, sob a responsabilidade do pesquisador **Prof. Dr. Silvio Luiz da Costa**. Nesta pesquisa pretendemos refletir a partir das memórias de egressos o papel desempenhado pelo Programa Curumim de Taubaté no desenvolvimento dos sujeitos. Sua participação é voluntária e se dará por meio de pesquisa qualitativa utilizando o instrumento da entrevista. A pesquisa oferece poucos riscos aos sujeitos, podendo, entretanto, gerar algum desconforto na abordagem para a aplicação dos instrumentos de pesquisa. Destaque-se que você tem a plena liberdade para não participar da entrevista, bem como, a qualquer momento retirar o seu consentimento. Se você aceitar participar estará contribuindo para o aprofundamento desses conhecimentos que podem significar um enriquecimento na compreensão da educação não formal, uma ressignificação nos sentidos da participação no Programa Curumim do Sesc de Taubaté, acrescentando para o Programa novas informações sobre o seu papel enquanto espaço privilegiado de educação não formal.

Para participar deste estudo o Sr (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O (A) Sr (a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor (a). Para qualquer outra informação o sr. (a) poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone ((12) 99775-7698 obs. Inclusive ligações à cobrar), e-mail [siluco@uol.com.br](mailto:siluco@uol.com.br).

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você



poderá consultar Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: [cep@unitau.br](mailto:cep@unitau.br).

Silvio Luiz da Costa – 99775-7698 (inclusive a cobrar). Email: [siluco@uol.com.br](mailto:siluco@uol.com.br)

### Consentimento pós-informação

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade

\_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa **Uma leitura do Programa Curumim Sesc Taubaté: a voz de seus egressos**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a)  
Participante

#### Identificação:

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Silvio Luiz da Costa – 99775-7698 (inclusive a cobrar). Email: [siluco@uol.com.br](mailto:siluco@uol.com.br)

Pesquisadora: Tayná Meireles de Moraes (meirelestayna11@gmail.com)

## ANEXO 2 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O Programa Curumim SESC Taubaté e a educação não formal: contribuições para o processo formativo

**Pesquisador:** SILVIO LUIZ DA COSTA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 32452620.6.0000.5501

**Instituição Proponente:** Universidade de Taubaté

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.075.504

#### Apresentação do Projeto:

A pesquisa propõe estudar os significados para o processo formativo da participação em um processo de educação não formal. Tem como sujeito quatro ex-participantes, hoje adultos, do Programa Curumim do Sesc de Taubaté. A partir da memória dos egressos, os quais serão entrevistados, objetiva-se compreender a relevância da participação no Programa Curumim no desenvolvimento dos participantes na sua inserção na vida social, na trajetória escolar e na atuação profissional.

#### Objetivo da Pesquisa:

Refletir a partir das memórias de egressos os significados da participação no Programa Curumim do Sesc de Taubaté no desenvolvimento dos sujeitos.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequada avaliação de riscos e benefícios.

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto aprovado.

#### Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos apresentados adequadamente.

#### Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado.

**Endereço:** Rua Visconde do Rio Branco, 210  
**Bairro:** Centro **CEP:** 12.020-040  
**UF:** SP **Município:** TAUBATE  
**Telefone:** (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cep@unitau.br



UNITAU - UNIVERSIDADE DE  
TAUBATÉ



Continuação do Parecer: 4.075.504

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, em reunião realizada no dia 05/06/2020, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 510/16, considerou o Projeto de Pesquisa: APROVADO.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1556149.pdf	14/05/2020 10:31:16		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto de pesquisa.pdf	14/05/2020 10:28:28	SILVIO LUIZ DA COSTA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	14/05/2020 10:26:22	SILVIO LUIZ DA COSTA	Aceito
Outros	Roteiro de entrevista.pdf	14/05/2020 10:04:16	SILVIO LUIZ DA COSTA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo.pdf	14/05/2020 10:01:44	SILVIO LUIZ DA COSTA	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	14/05/2020 10:00:39	SILVIO LUIZ DA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	14/05/2020 09:57:37	SILVIO LUIZ DA COSTA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	14/05/2020 09:57:07	SILVIO LUIZ DA COSTA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

TAUBATE, 08 de Junho de 2020

Assinado por:  
Wendry Maria Paixão Pereira  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Rua Visconde do Rio Branco, 210  
**Bairro:** Centro **CEP:** 12.020-040  
**UF:** SP **Município:** TAUBATE  
**Telefone:** (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cep@unitau.br

## **APÊNDICES**

### **APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA**

#### **1. Perfil do entrevistado**

Idade. Estado civil. Filhos. Escolaridade. Profissão.

#### **2. Entrada ao Programa Curumim**

Idade. Responsável pelo ingresso. Principal motivação. Sobre o ingresso. Atividade anteriores ao programa.

#### **3. Programa Curumim**

Relações (educadores, participantes, funcionários, frequentadores). Atividades. Viagens. Passeios. Amizades. Recordações. Influência na infância (social e escolar).

#### **4. Saída do Programa**

Idade. Motivo. Recordações.

#### **5. Vida após o Programa**

Outros projetos, atividades. Relações (educadores, participantes, egressos, funcionários, instituição). Repercussões (social, escolar e profissional).

## APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO

### UMA LEITURA DO PROGRAMA CURUMIM SESC TAUBATÉ: A VOZ DE SEUS EGRESSOS

Este questionário foi organizado como parte de um trabalho de graduação. Os dados levantados por meio deste questionário serão utilizados exclusivamente para a elaboração da Monografia, por meio de informações gerais e estatísticas, sem qualquer tipo de informações que possam gerar a identificação dos participantes. As questões foram organizadas por Tayná Meireles de Moraes, aluna do 6º período do Curso de Pedagogia, orientada pelo Prof.º Dr. Silvio Luiz da Costa. Sua participação não terá nenhum custo, nem gerará qualquer recurso financeiro. Além disso, sua participação no questionário não oferecerá nenhum risco ou desconforto pessoal. Em adicional, estará livre para recusar-se a participar, visto que sua participação é voluntária. Dentro da proposta acadêmica apresentada, os dados obtidos comporão nosso Trabalho de Graduação e não haverá nenhuma identificação dos participantes em publicações que possam resultar da pesquisa. Para finalizar, agradecemos sua participação que será extremamente importante para a minha formação em Pedagogia.

1. Você concorda com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) acima? Lembramos que sua participação não terá nenhum custo, não gerará qualquer recurso financeiro e não oferecerá nenhum risco ou desconforto pessoal. Você estará livre para recusar-se a participar.
  - ( ) Sim (*Pular para a pergunta 2*)
  - ( ) Não (*Pular para a seção 7*)
  
2. Você participou do Programa Curumim?
  - ( ) Sim (*Pular para a pergunta 3*)
  - ( ) Não (*Pular para a seção 7*)
  
3. Você tem mais de 18 anos?
  - ( ) Sim (*Pular para a pergunta 4*)
  - ( ) Não (*Pular para a seção 7*)
  
4. Em qual cidade?
  - ( ) Taubaté
  - ( ) Outro: \_\_\_\_\_
  
5. Por quanto tempo?
  - ( ) Menos de 1 ano
  - ( ) 1 a 2 anos
  - ( ) 3 a 4 anos
  - ( ) 5 a 6 anos
  - ( ) Não sei
  
6. Como era o Curumim? (dissertativa)
7. O que você mais gostava no Curumim? (dissertativa)
8. O que você menos gostava no Curumim? (dissertativa)

9. Você acha que o Curumim foi importante para a sua vida? Por quê?  
(dissertativa)



**ENTREVISTA**

CONSIDERANDO A SITUAÇÃO DE PANDEMIA QUE ESTAMOS VIVENDO EM 2020 E PENSANDO NO BEM-ESTAR DOS ENTREVISTAD@S, PROPOMOS DUAS POSSÍVEIS OPÇÕES:

**1** *Online:*  
por meio da plataforma que o entrevistad@ considerar mais acessível

**2** *Pessoalmente:*  
Seguindo todos os protocolos de segurança

10. Você aceita participar de uma entrevista sobre este assunto?

- ( ) Sim (*Pular para a pergunta 11*)  
( ) Não (*Pular para a seção 5*)  
( ) Talvez (*Pular para a pergunta 11*)

11. Nome  
12. Número de telefone  
13. Email

#### **SEÇÃO 5**

Agradecemos as respostas, essas são a base para a análise prevista na pesquisa.

#### **SEÇÃO 7**

Agradecemos o tempo empenhado, no entanto, essa resposta não nos permite prosseguir com a pesquisa.

## RESPOSTAS QUESTIONÁRIO

<b>SUJEITO 1</b>	
Por quanto tempo?	5 a 6 anos
Como era o Curumim?	Era incrível, eu adorava, sempre muito divertido.
O que você mais gostava no Curumim?	Das atividades
O que você menos gostava no Curumim?	Não tem nada que eu não gostasse
Você acha que o Curumim foi importante para a sua vida? Por quê?	Muito importante, tanto pra minha formação hoje, quanto pra tudo, o curumim me ensinou a ver o mundo de outra forma.

<b>SUJEITO 2</b>	
Por quanto tempo?	3 a 4 anos
Como era o Curumim?	Era de terça a sexta, no período da tarde, todos os dias tínhamos quatro opções de atividades, atividades de que variavam de artesanato a esporte, dessas quatro escolhíamos apenas duas, tínhamos o lanche. E os passeios para outras unidades do SESC e passeios ecológicos.
O que você mais gostava no Curumim?	Eu gostava de duas coisas a primeira era a liberdade para escolher as atividades que mais me agradavam, e a segunda era a relação entre curumim e instrutor, relação sempre muito tranquila, e divertida.
O que você menos gostava no Curumim?	A hora de ir embora.
Você acha que o Curumim foi importante para a sua vida? Por quê?	Sim, foi muito importante porque muito do que sou hoje, valores e comportamento social, é por conta do que vivi e aprendi no curumim. O meu jeito de me relacionar com as pessoas e exercer o meu papel de cidadã vem da minha experiência no Curumim.

<b>SUJEITO 3</b>	
Por quanto tempo?	3 a 4 anos
Como era o Curumim?	Sensacional rs eu simplesmente amava ir
O que você mais gostava no Curumim?	As atividades, os professores
O que você menos gostava no Curumim?	Nada, eu gostava de tudo
Você acha que o Curumim foi importante para a sua vida? Por quê?	Me ajudou na formação, podendo descobrir, aprender

<b>SUJEITO 4</b>	
Por quanto tempo?	5 a 6 anos
Como era o Curumim?	Ah legal
O que você mais gostava no Curumim?	Os passeios
O que você menos gostava no Curumim?	As atividades
Você acha que o Curumim foi importante para a sua vida? Por quê?	Foi, eu aprendi a ter a disciplina

<b>SUJEITO 5</b>	
Por quanto tempo?	1 a 2 anos
Como era o Curumim?	Era um lugar muito gostoso, onde fazíamos amizades, obtemos conhecimentos, íamos a passeios, era muito bom
O que você mais gostava no Curumim?	Os passeios e aprendizados de uma forma ludica
O que você menos gostava no Curumim?	Amava tudo kkk
Você acha que o Curumim foi importante para a sua vida? Por quê?	Sim, logo cedo, aprendi muitas coisas de grande valor, obtive muitos conhecimentos, aprendi de forma ludica e fiz muitas amizades, era muito bom e até hoje lembro dos bons momentos lá

<b>SUJEITO 6</b>	
Por quanto tempo?	Menos de 1 ano
Como era o Curumim?	Muito bem elaborado e organizado
O que você mais gostava no Curumim?	As atividades na piscina
O que você menos gostava no Curumim?	A idade máxima ser 12 anos
Você acha que o Curumim foi importante para a sua vida? Por quê?	Me ajudou na convivência

<b>SUJEITO 7</b>	
Por quanto tempo?	3 a 4 anos
Como era o Curumim?	Acolhedor
O que você mais gostava no Curumim?	Atividades de artes e culinária
O que você menos gostava no Curumim?	Horários
Você acha que o Curumim foi importante para a sua vida? Por quê?	Sim, pois me ajudou a ser independente

<b>SUJEITO 8</b>	
Por quanto tempo?	3 a 4 anos
Como era o Curumim?	O curumim era a parte mais legal do meu dia. Lá eu tinha oportunidade de brincar, viajar, aprender coisas novas, interagir com outras crianças, entre outras atividades que marcaram minha infância de forma positiva.
O que você mais gostava no Curumim?	Brincar no parquinho
O que você menos gostava no Curumim?	Quando tinha que assistir ao teatro
Você acha que o Curumim foi importante para a sua vida? Por quê?	Sim, muito importante, pois lá consegui aproveitar minha infância e fazer amigos que levo até hoje

<b>SUJEITO 9</b>	
Por quanto tempo?	3 a 4 anos
Como era o Curumim?	Excelente
O que você mais gostava no Curumim?	Interação entre amigos
O que você menos gostava no Curumim?	Momentos de reflexão ou filmes
Você acha que o Curumim foi importante para a sua vida? Por quê?	Foi de extrema importância e influenciou significativamente minha personalidade e simpatia

<b>SUJEITO 10</b>	
Por quanto tempo?	5 a 6 anos
Como era o Curumim?	O Curumim era uma troca constante troca de experiências e o desenvolvimento de novas amizades.
O que você mais gostava no Curumim?	O que eu mais gostava era da liberdade de sermos nós mesmo e a constante possibilidade de pensarmos "fora da caixa".
O que você menos gostava no Curumim?	Das intrigas que por vezes emergiam entre as crianças.
Você acha que o Curumim foi importante para a sua vida? Por quê?	Sim, porque me permitiu desenvolver habilidades de trabalhos em grupo e a capacidade de pensar de forma mais criativa, para resolver problemas.

## ENTREVISTAS TRANSCRITAS

### S1 – (1ª Entrevista)

#### 1. Perfil do entrevistado (Idade. Estado civil. Filhos. Escolaridade. Profissão.)

Eu tenho 18 anos. Solteiro. não (risos). Cursando o ensino médio, terminando na verdade, 3º ano. Pretendo jornalismo, mas agora eu tô...sou empreendedora, agora no caso. (Brechó) A minha mãe sempre teve brechó, aí eu sempre tive vontade, gosto muito de mexer com o público e tudo mais. Aí veio essa vontade de empreender.

#### 2. Entrada ao Programa Curumim (Idade. Responsável pelo ingresso. Principal motivação. Sobre o ingresso. Atividade anteriores ao programa.)

Com 8 (anos). A minha mãe que me colocou lá, ela ficou sabendo e me colocou. Foi muito diferente, eu era muito grudada com a minha mãe, então, foi bem difícil assim... E pra fazer amizades e tudo mais, foi bem difícil, no começo. Mas depois eu me acostumei. Eu era do período da tarde, é que na época que eu fazia só tinha o curumim à tarde. (Antes do Curumim) Não tinha nada. Nada

(Sobre o ingresso) Porque lá no Sesc, né. Eu sempre frequentei o Sesc para assistir às peças de teatro que tinha lá durante a tarde no domingo e aí participar do Curumim foi uma coisa muito nova. Assim uma coisa que sabe me ajudou bastante no meu desenvolvimento hoje. Então, nossa.... É sem palavras assim que desde aquela época até hoje eu tô no Sesc ainda, então é uma coisa assim que eu falo que eu não quero largar nunca.

#### 3. Programa Curumim (Relações (educadores, participantes, funcionários, frequentadores). Atividades. Viagens. Passeios. Amizades. Recordações. Influência na infância (social e escolar))

(Influência na infância) Nossa. Eu acho que tudo. Assim... a questão de socializar mesmo. Muita coisa.

(Relação participantes) Ah, tinha algumas pessoas que estudavam na minha escola. Tinham alguns que eu já conhecia assim de vista, também então. Mas aí, amizade mesmo começou lá dentro. Ah, sempre foi muito boa. Assim eu tinha uma socialização bem legal na época, assim. Foi se desenvolvendo aos poucos assim até o final ali do curumim mesmo.

Nossa...era professores. Ah sim, como professores da escola. Porque é tudo relacionado né...as atividades...Agora que eu fui aprender que são educadores, mas acho que é tudo meio...é quase a mesma coisa. Nossa sempre foi muito boa, com todos eles assim. Eu sempre tava muito perto. Sempre gostei de estar perto deles. Eu sempre fui uma pessoa muito quieta, então... Eu era muito fechada, desde sempre. Mas era uma relação muito boa, tanto que eu ainda tenho contato com vários deles até hoje.

(Recordações) Sim, bastante. Nossa, quando eu fiz o jornal com a A..., acho que foi no meu último ano de Curumim. Que a gente fez um jornal. Aquilo me marcou muito. Ah, tipo a gente fez assim na brincadeira, sabe? Aí tinha parte de receitas, piadas, cruzadinha. Assim, foi mais uma diversão só para a gente saber como que era mesmo fazer um jornal. E é isso me marcou bastante

Ah, nossa eu tive um... desde sempre assim eu gosto muito de comunicação. Então, desde eu acho que desde aquela época assim já viu o prazer, sabe? Em comunicar, ali naquele jornal, porque eu sempre fui interessada em cultura, em tudo essas coisas. E ali, eu já tive o gosto, tive uma sensação assim muito diferente...Era meu último ano de Curumim, tava com 12 anos ou 13, eu não lembro. Acho que eu nunca cheguei a ficar frente de uma atividade assim. O jornal era eu e mais três, se eu não me engano. Aí tipo, eu tava meio que assim na frente. Que era umas três pessoas, só, então... E a A... ajudava. Bom e depois teve uma vez que a gente teve show de talentos, aí teve a eleição do Curumim também que eu participei.

Eu fui para Itaquera... é numa exposição da energia que teve lá. E eu fui na inauguração do SESC Belenzinho. Foram as duas viagens que eu fui. Foi uma oportunidade, porque eu acho que naquela época talvez eu não conseguiria ir sem o Sesc. Hoje eu acho que já consigo. Mas foi uma p\*\*\* oportunidade nessa época, assim. Foi muito importante. Conheci outros lugares né e eu nem sabia que existia outros Sesc naquela época. Então foi assim uma coisa muito legal sair daqui de Taubaté e ir para outras cidades conhecer. Foi muito legal.

(Influência na escola) É porque eu gostava muito de ir no Curumim assim. E aí aquilo me dava prazer também de ir na escola, porque a tarde eu fazia as coisas que eu gostava e aí de manhã, sabe eu tava com prazer de para escola também.

Nossa, eu acho que tem muita coisa que me marcou, assim desde os educadores né? Os educadores antigos que estavam lá, que hoje já não estão, que se aposentaram. Então tipo, os que saíram mesmo. Eu tinha muita afinidade com eles

assim era uma coisa muito legal. E as atividades mesmo que tinha, assim os shows de talentos que tinham, as festas de aniversário, essas coisas assim que eu sempre gostei muito. Que é tudo ligado a arte né

#### **4. Saída do Programa** (Idade. Motivo. Recordações)

Nossa. Eu acho que foi bem difícil, assim. Eu acho que foi com 12 e depois eu já fui para o esporte criança, pro esporte jovem. Não lembro. Daí eu fui fazer o esporte e aí eu fiquei pouquíssimo tempo porque eu não lembro quantos anos eram na época. aí sempre assim eu queria estar próximo do SESC. Queria estar ali o tempo inteiro, mas só que não tinha né?! Atividade de entretenimento que não fosse o Curumim ali naquela época, então, foi bem difícil assim.

#### **5. Vida após o Programa** (Outros projetos, atividades. Relações (educadores, participantes, egressos, funcionários, instituição). Repercussões (social, escolar e profissional))

(Relações egressos) Sim, o L... e o T...

(Outros projetos) O ano passado... O ano retrasado... O ano passado no começo do ano passado. Na verdade foi assim o L... que já fazia parte do Juventudes, ele tava no Curumim na época e eu frequentava o Sesc na época, daí a gente voltou a conversar. Ai quando voltou o Juventudes ele me chamou pra participar. E aí eu fui participar e aí desde então eu tô lá.

(Repercussões) Nossa... Ah eu acho que foi mais assim a minha paixão pelo teatro mesmo. Sim, bastante, a gente fazia né. Tinha as oficinas que a gente fazia lá, no teatro a tarde. Que era vinculado o Curumim e o Social com os idosos, lá. E aí nisso, eu fui pegando gosto pelo teatro. Depois de dois, três anos assim, fui fazer um curso de teatro...na Fêgo Camargo aqui em Taubaté e isso surgiu do Curumim. Ah eu gosto. Mas assim... Falar que é uma coisa que eu quero levar para vida, não sei. Eu acho que não, mas eu gosto sim. Ah, eu não sei mesmo, assim. É que é algo muito incerto ainda. Então até terminar o Ensino Médio, eu não sei se eu quero continuar com aquilo. Eu também não sei. Então eu não tenho nada certo, eu vou deixar pra ver.

Eu acho que isso cresceu muito lá no...surgiu lá do Curumim né. porque todo mundo falava que sempre fui uma pessoa muito sorridente, muito alegre. Desde lá do Curumim, isso marcou as pessoas e sempre que eu voltava no Sesc, todo mundo

ainda me conhece lá né. Agora ainda mais, não tem nem como né? Mas desde aquela época depois agora que eu voltei sabe? As pessoas ainda me reconheciam. Porque eu fiquei um bom tempo sem frequentar o Sesc, acho que uns dois, três anos assim. Aí depois, o ano passado que eu comecei a voltar então e tudo mais. Só que tipo marcou muito, isso, sabe eu tive um crescimento muito grande assim nessa questão de socialização e isso foi incrível porque foi lá desde o Curumim e aí depois eu fui para o Teatro. E aí depois do teatro passei para o jornalismo mesmo, fiz um estágio né. E aí depois eu voltei pro Sesc e eu acho que foi tipo, um ciclo mesmo...

(Relações com participantes) O meu primo participou do Curumim no ano passado, no Curumim da tarde, eu acho que ele foi por ir mesmo.

## **S6 – (2ª Entrevista)**

### **1. Perfil do entrevistado** (Idade. Estado civil. Filhos. Escolaridade. Profissão)

31. Solteira. Não. Superior completo. Eu sou auxiliar escolar. Eu fiz Engenharia Mecatrônica e administração.

### **2. Entrada ao Programa Curumim** (Idade. Responsável pelo ingresso. Principal motivação. Sobre o ingresso. Atividade anteriores ao programa)

Eu entrei com 11 anos. Na verdade, eu moro na rua de trás, eu moro bem pertinho... Então, a gente sempre ia na piscina, participava do esporte também. Sempre ficava olhando, “ah o curumim é legal né, passa tarde inteira né”, tem atividade pra tarde inteira. Aí uma época eu e meu irmão resolvemos que a gente queria ficar no Curumim. Foi a gente mesmo que viu como funcionava e quis participar.

(Saiu do Esporte Criança?) Na verdade, o esporte era mais tarde um pouco. Então, as vezes eu até participava dos dois. O curumim terminava umas 16:30 e o esporte era umas 18 horas, 19. Jogava futebol.

### **3. Programa Curumim** (Relações (educadores, participantes, funcionários, frequentadores). Atividades. Viagens. Passeios. Amizades. Recordações. Influência na infância (social e escolar))

Eu lembro bastante de convivência né. Como aqui é só eu irmão, lá era o momento que estava com mais gente né. Com um grupo maior, então de aprender a tomar a iniciativa de querer participar, foi aí que foi surgindo essas oportunidades. Primeiras oportunidades de convivência pra gente.

(Educadores) Eu lembro, eu lembro do P..., que saiu atualmente né do Sesc. E eu lembro de uma outra que era uma bem baixinha, eu não lembro o nome dela, eu tinha ela no Facebook até pouco tempo.

Ah, eu lembro que era bem legal assim, sabe. Eles eram bem envolvidos, com a atividade, horário, com as crianças. Conheciam todo mundo, sabia quem era irmão de quem. Conhecia realmente cada um que fazia parte do projeto. Não era assim, só mais uma responsabilidade deles. Dava pra ver que eles realmente gostavam de fazer parte do Curumim.

(Influência escolar) Ah, eu acho que é um envolvimento maior né. Porque a escola parece mais uma obrigação. Então, o envolvimento na parte da criança é menor. Agora no Curumim, é uma ligação muito maior. Porque a criança quer tá ali, quer participar. É uma relação muito melhor com que professor escolar. Relacionamento entre as partes.

(Atividades) Eu acho que o que mais me chamava a atenção, era a piscina mesmo. Era o único clube daqui da região que tinha, hoje em dia se tem muito mais acesso. Mas a 15 anos atrás num tinha acesso a piscina, igual se tem hoje. Um clube particular, galera que aluga uma chácara. Não tinha acesso a isso. Então, era o top de Taubaté você participar do Curumim e ter acesso a piscina todo dia, tarde inteira.

Na verdade, eu participei bem pouco tempo né. Tava bem próxima de fechar a idade. Mas eu lembro que tinha umas atividades que vinha uma galera de fora, pra contação de histórias também. Que era muito legal. Bem diferenciado.

(Relação participantes) Ah sim, achei que foi legal. Assim eu era mais velha, então tinha alguns da minha idade, mas tinha alguns mais novos também. Tanto que você ia aprendendo a conviver, com o outro pouco menor, com o outro um pouco mais bobinho, outro mais espertinho que já tinha que tomar cuidado. Então, era bem misturado, o grupo né. Então, era uma oportunidade de convivência, com um grupo bem diferente.

(Influência escolar) Teve algumas. Alguns jogos que a gente fazia de raciocínio lógico, que eu achei que me ajudou bastante. Tanto pra questão de jogos mesmo, quanto pra questão de Matemática.

#### **4. Saída do Programa (Idade. Motivo. Recordações)**

Doze. Foi um pouco triste, assim, eu sabia que tava muito perto, coisa assim de uns 6 meses. Ai daqui a pouco eles falaram, fica até o final do ano. Aí eu acabei

ficando, mas eu sabia que no outro eu não ia poder ficar. Eu fui meio com o sentimento de por que que não vim antes. Meu irmão ficou mais um ano. Encerrou o ano, aí só não retornei mesmo.

**5. Vida após o Programa** (Outros projetos, atividades. Relações (educadores, participantes, egressos, funcionários, instituição). Repercussões (social, escolar e profissional))

Eu acho que é uma recordação muito boa né. Esses dias alguém daqui da região postou uma foto daquela teia de aranha tinha ali na frente, então tipo se você não se ralou nisso aqui na sua infância, você não conheceu o Sesc na sua época boa, tava assim na postagem. Então é uma recordação muito boa de ter participado e hoje em dia você vê cada vez menos interesse da criança. É tanto interesse na tecnologia, que esse interesse na convivência, na brincadeira parece que tá cada vez menor. Então, parece uma bagagem muito boa que a gente trouxe pra vida. Em relação a convivência, principalmente.

(Repercussões) Acho que tem muita influência na parte de cidadania mesmo. De organização, de respeito...E se agora você tem que parar você tem que parar. Tinha as regras, os horários. E a piscina é só até tal horário, se tá chovendo tem que sair. Me ajudou muito a entender bem essa questão de seguir as regras, de fazer o que tem que ser feito.

(Outros projetos) Hoje em dia eu participo de alguns projetos da igreja. Trabalho com música, então, a gente tem o trabalho tanto dentro quanto fora. A gente trabalha com Coral também. A gente faz atividade em Hospital, asilo, casa de recuperação... A gente tem um trabalho assim também. É questão da gente fazer alguma coisa para ajudar alguém. Ajudar as pessoas dá um momento melhor ali, de diversão e embora a gente não possa proporcionar isso para criança, mas, principalmente pra idosos. A gente sempre procura tá oferecendo um momento de conforto. Essa época de final de ano a gente sempre tava fazendo, esse ano a gente vai ficar impedido. Cantar de máscara não dá certo. Então, a gente não vai poder fazer esse ano. Mas, a gente tá ansioso aguardando o ano que vem pra gente poder dar continuidade no trabalho.

Na verdade, esse eu comecei logo depois. Com 13, 14 anos, eu já comecei. Foi surgindo depois, porque daí foi acabando essas atividades mais de infância né, aí foi surgindo as oportunidades ali da adolescência. Ai já comecei...dois anos depois já era colégio, aí já fazia estágio e aí fui procurar uma atividade de fim de semana, que

pudesse fazer. Aí acabei engajando com a situação da música e foi ficando. Só o Coral que é um pouco mais recente, que tem uns 5 anos só. Mas, desde aquela época que eu parei ali com 12, com 13 comecei a tocar violão, cantar. Com 14 já tava nesse ramo diferente.

### **S7 – (3ª Entrevista)**

**1. Perfil do entrevistado** (Idade. Estado civil. Filhos. Escolaridade. Profissão)  
30 (anos). Solteiro. Tenho 1. Ele tem 2 (anos) e 6 (meses). Nível superior, Direito. Eu hoje eu trabalho com duas coisas trabalho com fotografia e com Direito. Mas a minha renda principal é a fotografia.

**2. Entrada ao Programa Curumim** (Idade. Responsável pelo ingresso. Principal motivação. Sobre o ingresso. Atividade anteriores ao programa)

Se eu não me engano entrei com seis anos, hoje eu não sei como é que funciona, mas eu acho que na época eu entrei com seis anos, eu falo isso porque assim eu nem lembro na verdade. Mas teve um reencontro de Curumins, faz o que uns três anos atrás eu lembro que foi um pouco antes de descobrir minha gravidez. E aí tava passando os slides né dos ex-curumins e tal. E tinha um tanto de foto minha que eu nem lembrava, tinha muita foto minha, tinha uma foto minha assim muito pequena, tava eu e minha irmã, eu acho que eu tinha aí por essa idade seis, sete anos aí eu fiquei até 99.

(Ingresso) Minha mãe, eu até tinha aquela...até um tempo atrás eu tinha uma carteirinha. Tinha carteirinha do clube do Sesc e tinha carteirinha do Curumim. Era maior bonitinha, era uma carteirinha azul até. Entrei junto com minha irmã. Ah, eu acho que já tinha alguém que ela (mãe) conhecia. Ela já devia conhecer o projeto, porque a gente mora aqui no bairro desde 88 né? Meus pais né. Desde 88 que foi quando eles casaram. E eles moravam ali duas ali na frente do Sesc. Que é na rua da farmácia e quando começou a construir o Sesc eles viram tudo. Eles acompanharam tudo. Até fazer esse muro, esse muro de tijolo à vista eles virão construir tudo. Então minha mãe sempre levou a gente ali, mesmo antes de Curumim o Sesc sempre foi tipo um ambiente de convivência nosso. Então ela deve ter ficado sabendo do projeto, alguém falou. Mas era algo assim já da nossa convivência. Sempre, a gente só parou de ir por causa da pandemia mesmo. Até meu filho, ele tem a carteirinha da atividade da piscina. Ele vai, ele frequenta, todo mundo lá conhece ele. Ele sofre até hoje, por

não conseguir entrar no Sesc. Esses dias a gente tava brincando no parquinho lá na frente e ele atravessou, ele viu que tava aberto, assim (falou) quer entrar que entrar. Mas não tá podendo, aí não chorou dessa vez, mas é a cara dele chorar.

(Antes do Curumim) Frequentava, tem isso também que fora o Curumim, todo domingo, ainda tem, já é de anos né... Tem o teatro infantil, na minha época o teatro infantil era as quatro horas da tarde no domingo, agora mudou. Eu acho que é 11 da manhã, mas tem isso também. Eu ia em todos os teatros infantis no domingo. Aí se rolasse alguma coisa no sábado também, alguma coisa voltada para crianças eu tava lá também. É bem essa relação com Sesc mesmo, era o quintal da nossa casa.

**3. Programa Curumim** (Relações (educadores, participantes, funcionários, frequentadores). Atividades. Viagens. Passeios. Amizades. Recordações. Influência na infância (social e escolar))

(Recordações) Sinceramente não, eu lembro que era chegar da escola, almoçar e já ir pro Curumim. Mesmo eu morando perto, era um pouco... Mas tem que considerar que eu sou uma pessoa que faz tudo devagar. Pode ser que seja isso. Mas eu...Digamos assim... eu não tinha muito tempo em casa, chegava almoçava e já tinha que tá no Curumim porque tem horário para entrar né?

Era um período... Era gostoso... Tipo rolava aquela ansiedade, tipo que atividade que vai ter hoje... Às vezes o professor falava assim, amanhã tem aula de culinária. Você já vinha para casa pensando... Que que vai ter? Que que vai ser essa aula de culinária, que eu quero ver. Às vezes... Na escola a gente combinava com amigo também. Ai o que que nós vamos fazer hoje no Curumim. Você vai no Curumim hoje. Rolava essa preocupação de criança. Será que o meu colega aqui da escola vai estar lá no Curumim hoje. Mas era gostoso, era legal. Eu gostava.

(Viagens, passeios) Principalmente quando tinha excursão, às vezes tinha excursão também, geralmente final de semana né. Então, você passava a semana inteira, assim tipo, na curiosidade, na ansiedade em como que ia ser a excursão. Pra onde que ia ser. Às vezes nem sempre a gente tinha noção de onde era. Viajei, viajei bastante com Sesc. Fui no Sesc Belenzinho que é um Sesc, não sei se você já ouviu falar que ele é mais exposição, ele não é um clube como esse. Tem muita exposição, lá eu cheguei a ver a exposição do castelo rá-tim-bum, já fui pro Sesc Bertioga, já fui num passeio na Serra do Mar fazer trilha, já fui em vários lugares. A gente já fez *tour* por Taubaté fui bastante lugar sim. Com Sesc pelo Curumim. Foi oportunidade, total.

Porque...é....Você deve ter noção que aqui no bairro, por mais que que não seja um bairro tão grande tem uma diferença de classe social, diferença financeira que é gritante né. Se você descer três ruas aqui pra baixo a realidade é outra. Mas mesmo assim... Foi uma oportunidade, porque meus pais passaram por uma época de desemprego também. Às vezes o Sesc fazia passeios, alguns eram gratuitos e outros cobrava um valor muito simbólico. Assim tipo 10, 20 reais e se não fosse isso eu muito provavelmente não teria acesso a essas coisas.

Viajei bastante, eu acho que no período de um ano a gente, nossa, viajou bastante eu não lembro de todos os lugares, mas eu lembro desses que eu tô te falando aqui. Em Bertiooga, o Sesc Belenzinho, *tour* aqui por Taubaté, deve ter tido outros lugares...

(Relação com os educadores) Maravilhosa, cara. Eu acho que eles criaram uma relação de apego também, porque você tá ali não é uma criança que ele só tá vendo no Curumim durante o ano e depois acabou o ano vem outra turma né. Eles viram a gente crescer né. Então, tem professor que a gente lembra o nome até hoje... Que é a M..., a M..., o Z...Tem uma que se eu não me engano o nome dela era K..., que era de artes. Então, assim, são anos né? E não só no Curumim, tinha professor que me dava aula na escola e depois encontrava ele no Curumim. Ou até, sei lá, final de semana. No domingo o professor tava lá fazendo outra atividade, aí passava cumprimentava, aí conhece a família. Não conhecia só a criança que faz parte do Curumim, eles conhecem todo mundo.

No Curumim eu acho que conseguia ver de uma forma mais legal. Por conta disso que você falou, é uma educação não formal. Você tinha a liberdade, assim, todo dia quando a gente chegava no Curumim, eles tinham lá o quadro de atividade, aí geralmente era assim... Tinha uma atividade de artes, tinha duas de esporte e mais uma lá que, não sei...Que eu acho que chamava de tempo livre, era alguma coisa assim. E aí você escolhia com qual professor você queria ir, aí dividia. Você olha a atividade lá e quero ir com o professor Z..., aí reunia todo mundo lá com ele. Quero ir com a professora M..., reunia lá com ela. Eu falo que isso é legal, porque...na escola você não tem essa liberdade. O fato de ter opção é bem bacana. Eu falo isso porque eu sempre tive dificuldade na escola, mas hoje entendo que a minha dificuldade era, primeiro de todas as barreiras era acordar cedo. Aí eu era aquela criança que na escola o professor tava falando e parecia sabe... não sei se é da sua época, ou se você assistiu o desenho do Snoopy. Parecia com o professor do Snoopy que ficava

blá blá blá. Não tava entendendo nada e a hora que eu tava no Curumim, eu tava mais esperta. Eu tinha mais interesse e hoje eu entendo também que eu não funciono assim com padrão tipo ah professor chegou na sala passou matéria e é isso, eu vou aprender. Não adianta, eu não vou aprender. Hoje eu sei que não vou prender por conta de ter frequentado a faculdade que na faculdade é tipo um Curumim pra adultos. O professor passa conteúdo como é que você vai fazer é problema seu, tinha liberdade. Tinha total, porque era assim, ah hoje o esporte é futebol ah não gosto de futebol eu vou procurar outra coisa. Então era diferente do esporte por exemplo apresentado na educação física da escola, que tipo hoje é futebol, é só futebol. Você não tem mais nada para fazer, então. Hoje eu entendo que era uma dificuldade minha, mas é uma dificuldade que a escola não identificou e quando não há comunicação da escola com o projeto Curumim, por exemplo, porque no Curumim eu era outra criança. Então vamos supor que sei lá, tipo que houvesse essa integração, essa comunicação entre os dois. Os professores do Curumim poderiam passar isso para escola. Tipo, poxa a A... no Curumim é outra criança, por quê? Se a escola iria fazer alguma coisa, aí eu já não sei né. Porque escola pública é isso né. Tipo o padrão tá ali e o professor tem que agir de acordo como que tá. Infelizmente. Pode não ser, mas eu tô falando que na minha época era assim, 20 anos atrás era assim. Então, eu passei por muita dificuldade na escola. Desde ter que fazer prova de recuperação, ter que fazer aula de reforço. Mas não é porque tipo eu não queria aprender é porque o método que me foi mostrado não me atingiu. Era uma droga. Aí chegou um dia que era fechamento do semestre a professora (do reforço) perguntou quem tinha feito prova de recuperação e eu não tinha feito prova de recuperação, o semestre tava certinho, tava fechado. Aí eu acabei fazendo aula de reforço, sei lá, porque eu não tinha a toda matéria na lousa, toda matéria no caderno. Aí a própria professora falou vai pra casa, o que você tá fazendo aqui. No sistema deles, eu precisava, mas sem ter um motivo. Tinha nota... Mas não atingia outras coisas, outras metas, sei lá.

(Atividades) Eu sempre gostei muito de artes, assim. Qualquer coisa que falassem assim vamos levar para casa...(risos) A gente vai fazer um vasinho, eu queria fazer. Sempre gostei de atividades manuais, assim, artesanato. A gente já fez atividade que começou meses antes. De plantar, colocar sementinha no potinho para nascer flor, pra dá no Dia das Mães. Todo tipo de atividade manual que você imaginar, já teve. E aula de culinária também. Se não me engano a aula de culinária tinha uma vez por mês. E aí o que a gente fazia na aula era o cardápio que era servido no lanche

no final. A gente participava, aí ficava todo mundo se achando. Ai eu que cozinhei hoje, você gostou. Aquela expectativa também né do coleguinha provar e dizer o que ele achou. Não sei se ainda funciona assim. Mas na minha época funcionava assim, ficava no quadro aula de culinária, aí quem quisesse fazer acompanhava. Alguém mostrava e a gente só ia aumentando as quantidades para fazer o lanche para todo mundo.

(Relação com participantes) Era tudo muito bem resolvido dentro do Curumim. E não adianta né, não é de hoje e talvez não acabe nunca. Mas *bullying* sempre tinha né. Mas a gente sempre procurou levar para os educadores... Então às vezes quando o negócio era mais grave assim, quando tinha aquela criança que... Ela não, não provocava só um, ela provocava vários né. Ela causava aquele desconforto... A gente sempre fez roda de conversa, aí chamava todo mundo. Sempre foi um ambiente de diálogo né. Sempre foi do perguntar. A gente tinha um ambiente seguro para isso. Dá até pro colega ali que praticava o *bullying* ou que fazia brincadeira que a maioria não gostava, ele também tinha oportunidade de falar... De pedir desculpas. Então ambiente sempre, sempre foi esse. Assim... Barreira mesmo não tinha. Tinha aquelas coisas que fugia do controle do professor, mas com conversa sempre resolvia.

Às vezes, também assim... Chegou acontecer comigo uma vez né. Porque tem dia que a gente não tá muito bem. Ali se olha lá o quadro de atividade, você não quer fazer nada e aí começou assim aos poucos... Aí tinha gente que não queria fazer nenhuma das atividades que tava lá, aí inventava assim então eu não quero fazer atividade vou ajudar a tia M..., aí o que ela precisava de material de alguma coisa a criança tava ali ajudando. Só que começou assim, tipo muitas crianças, não queria fazer. Ou ficava andando lá pelo Sesc. Não pode né, se você tá no Curumim você tem que tá ciente que você tá sobre a responsabilidade dos professores do Curumim. Eles (professores) começaram a tomar ciência depois... Teve um dia, cara, que eu acho, que foram umas cinco crianças resolveram fazer nada porque não gostou da atividade. E aí antes de ir embora rolou aquele puxão de orelha. Mas isso é bom pra gente entender também e a partir dali eu entendi que... Cara, não é possível que não tenha nada que você não gosta de fazer...Alguma coisa. Pode não ser o que você esperava, pode não ser cem por cento do que você gostava, mas atividade tá ali. E eu acho que é isso também que a gente leva pra vida. Algumas atividades na vida a gente vai ter que fazer mesmo não gostando, pode ser sei lá, tipo limpar a casa, pode ser reunião de trabalho. Uma hora vai ter que lidar. Eu acho que quanto antes você

aprender isso melhor né. Depois eu entendi que se hoje não tem atividade de artes que era o que eu mais gostava, então eu vou ter que ir pra uma de esporte. Eu nunca, nunca fui muito fã de esporte, mas eu vou ter que ir.

Assim, como eu sempre fui muito tímida então se acaba se cercando das amizades que fazem aquilo que você faz. Por exemplo, eu sempre gostei muito de boneca e eu nunca fui uma criança muito de brincar na rua, na rua de casa sempre chamava as coleguinhas para brincar dentro de casa do que eu gostava. E o Curumim escancara isso na sua cara, você vai ter que conviver com gente diferente, você pode não gostar, mas você não pode partir pra discriminação. E o Curumim é isso. Você pode não gostar do futebol, mas você vai ter que conviver e é isso para mim foi nesse sentido de convivência mesmo. O Curumim acaba sendo uma grande comunidade né. Porque uma hora assim. Por mais que haja diferenças uma hora todo mundo vai ter que agir igual, agir igual não. Todo mundo vai ser tratado como igual. Porque como eu falei da diferença aqui no bairro... Então, assim eu tava no Curumim, mas depois no período quando as coisas melhoraram aqui em casa, meus pais estavam trabalhando e tal tem um outro lado do pessoal que mora um pouco mais ali pra baixo que eles não tem a mesma estrutura que eu. É diferente o comportamento da criança que vai chegar ali, mas lá dentro do Curumim não interessa. E às vezes acontecia isso também, tipo, tinha alguém no Curumim que tinha algum comportamento mais agressivo e tal, e os professores sempre fizeram a gente entender. (choro) E a gente entendia.

Tinha também, assim, um menino que cara, era problema. Ele às vezes queria bater em todo mundo, fazia piada sem graça com todo mundo e aí eu lembro que tinha uma viagem marcada...E criança né. Criança é criança. A gente começou a reclamar falando que não queria que ele fosse na viagem, se não ele ia estragar viagem. E aí o professor fez uma roda, tipo colocou todo mundo na roda e falou pro menino E... com esse comportamento que você tá o pessoal tá reclamando e não quer que você vá, aí propôs uma votação. Parecia o plenário da Câmara de Deputados. Quem acha que ele não deve ir, levantava a mão. Quem acha que ele deve ir...Aí por fim...A maioria concordou que ele deveria ir só que com muita conversa. O professor falou para ele você sabe que é o seu comportamento que faz com que a maioria não queira que você vá. Aí o professor falou pra ele você se compromete a se comportar, a mudar esse seu jeito, a não provocar ninguém, não bater em ninguém. Aí na roda, assim, na frente de todo mundo ele se comprometeu se comportar e aí foi isso. E na viagem

de fato ele se comportou. E as vezes rolava tipo, passeio que o Sesc ia nos cobrar 10 reais, que seja, pra pagar o ônibus né. Pra fretar o ônibus e todas as outras coisas eram gratuitas. Tinha gente que não tinha, não tinha. (choro) E às vezes rolava assim, tipo do professor fazer vaquinha, professor tirar do próprio bolso, o professor chegar para os outros pais olha só tem tantas crianças que não pode ir, vamos fazer uma vaquinha. (choro)

Tipo, valores que nos são passados lá. A gente não tá acostumado com esse tipo de ambiente onde as pessoas assim, se ajudam, que tipo um lanche mínimo que seja, gratuito. Nutricionista, nutricionista sempre teve até chefe de cozinha tinha também. Mas tinha disso também, nossa, colocaram alface aqui e não querer comer, aí o professor sempre trabalhava, dizia pra pelo menos experimentar, se você não gostar tudo bem não precisa comer. Eu acho que agora todo cardápio tem fruta né? Pelo menos uma. Na minha época não tinha, mas sempre foi tudo mais próximo do natural assim. E essa coisa do lanche que a gente tá falando né a gente já teve ali crianças que a gente percebia que elas iam por causa do lanche e é muito, muito sério isso né. A gente percebia também que era as crianças que tinha mais dificuldade de participar das atividades. Mais resistência de se interessar por alguma atividade. Elas ficavam ali só esperando o lanche. Algumas delas acabaram saindo, outras foi com muita conversa. Mas hoje também tem uma visão diferente disso, quando você é criança você se incomoda sim, pô cara vem aqui só pelo lanche só que eu não sei realidade dele na casa dele. Eu não sei se quando ele chegou da escola ele almoçou, com que energia o cara vai fazer...(choro) Vai jogar futebol se o cara não almoço? É óbvio que ele vai esperar o lanche. Na minha época eu acredito que a maioria daqui era do bairro ou bairros próximos, tinha até sério, tinha um único menino que não sei onde morava, mas devia ser longe, porque ele era o único que chegava e ia embora de carro.

#### **4. Saída do Programa (Idade. Motivo. Recordações)**

(Motivo) Na época mudou o sistema de aulas da prefeitura então quem tinha de 7 a 10 anos tinha que estudar à tarde, e o Curumim na época só tinha a tarde, não tinha o Curumim de manhã. Eu tive que sair, eu sai muito contra a minha vontade. Aí como não tinha mais... não tinha mais... Ainda não tinha Curumim de manhã aí é só tinha que ir para escola à tarde, que era o horário do meu Curumim, aí quando eu sai do horário à tarde aí eu já tinha 11 anos. Eu acho que eu não podia voltar mais por

causa da idade ou não tinha vaga mesmo. Aí não entrei, aí eu encerrei ali em 99 mesmo. Me doeu isso na época, porque eu lembro que a prefeitura na época fez isso né? As crianças de 7 a 10 anos, só estudando a tarde e quem tinha de 11 a 14 né? Que é da quinta série até a oitava série era só de manhã. Aí tive que sair. É eu fiquei sabendo quando foi fazer matrícula da escola. Minha mãe voltou da escola falou assim ano que vem é só a tarde e não tem como, acabou o Curumim. Mas assim muito das crianças que faziam Curumim era da minha escola também, então eu tinha essas duas convivências. Na escola e depois no Curumim.

**5. Vida após o Programa** (Outros projetos, atividades. Relações (educadores, participantes, egressos, funcionários, instituição). Repercussões (social, escolar e profissional))

Eu acho que na vida escolar, de interação com outras crianças porque eu era muito tímida, também eu tinha dificuldade de conversar com os coleguinhas. De romper aquela barreira do primeiro contato. Por timidez mesmo. E isso o Curumim trabalhou bastante, porque o Curumim mostra que as pessoas são diferentes né. E uma hora vai ter que conviver todo mundo. Então, me ajudou nisso tenho amigos dessa época do Curumim até hoje. Tem até a J... que ela fazia Curumim comigo, depois no último ano...Não no ano que a gente saiu do Curumim, ela estudou na mesma sala que eu. E até hoje tenho contato, eu sou madrinha da filha dela, ela tá sempre aqui em casa.

(Outros projetos) Não, nada parecido. Depois que eu saí do Curumim não, pra mim acabou ali mesmo. Ah não, verdade. Depois do Curumim eu participei um certo tempo de colônia de férias, mas nisso eu já não tinha mais idade para entrar no Curumim. Aí tinha essas colônias de férias que que era meio que um Curumim, só que no período de férias. Mas eram outros professores, outras propostas. Como de manhã não tinha nada parecido no Sesc, aí acabei não fazendo nada mesmo. Por um tempo, assim, durante esse um ano que eu estudei a tarde eu fiquei meio assim pra baixo. De não ter algo pra fazer e depois quando eu voltei estudar de manhã e já não tinha mais idade pra fazer aí. Já tinha acostumado que não ia mais voltar

(Reencontro de ex-curumins) Eu fiquei sabendo porque o D... que é meu vizinho que trabalha lá, que sabe que eu frequentei o Curumim me avisou. Dali eu avisei algumas outras pessoas que foram também e foi muito legal porque cara eles guardaram tudo até assim a sua foto 3 por 4, da sua ficha de matrícula. Eles

organizaram tudo num painel assim, eu vi gente que estudava na minha escola que era mais nova que eu. Teve uma menina até que ela estudou comigo aqui no Esplanada, só que ela era mais nova e eu fui reencontrar ela na faculdade e ela fez estágio junto comigo. Eu achei foto dela lá, mandei pra ela. Nossa foi muito legal. Nesse reencontro eles recriaram tudo que a gente fazia, foi bem bacana. Tinha lá o quadro de atividades, teve atividade de artes que era para fazer um instrumento com material reciclado e eu fiz um tamborzinho até. Tinha muita coisa bacana. No final teve o lanche também, o famoso lanche. Teve apresentação de teatro, teve muita coisa legal. A maioria das pessoas eram mais novas que eu, até tinha gente que tinha saído do Curumim mais recentemente, eu era uma das poucas que sei lá já tinha saído a uns vinte e tantos anos. Mas eu acho que não foi tão divulgado algumas pessoas eu avisei, mas tipo, está em cima da hora eu não consigo ir.

## **S2 – (4ª Entrevista)**

### **1. Perfil do entrevistado (Idade. Estado civil. Filhos. Escolaridade. Profissão)**

31 anos. Casada. Estou gestante de seis meses, da primeira filha. Ensino superior completo. Eu fiz Educação Física. (Profissão) É com educação física, porque... Hoje eu sou assessora parlamentar só que eu fui contratada para dar aula no projeto social do vereador pro qual eu represento, entendeu? Então assim só que chega época de eleição a gente acaba fazendo todas as funções de um assessor parlamentar, pra garantir a reeleição do vereador. Isso, aí eu não sei se eu me considero como se eu tivesse trabalhando na área viu.

### **2. Entrada ao Programa Curumim (Idade. Responsável pelo ingresso. Principal motivação. Sobre o ingresso. Atividade anteriores ao programa)**

8 anos, eu acho. Não tenho muita certeza. (Responsável) Minha mãe. Era mais por conta da necessidade de trabalhar, é uma coisa muito vaga assim, eu de memória sou péssima.

Então eu me lembro que era no período da tarde, a gente entrava acho que duas horas da tarde saía 5 da tarde, aí a gente chegar tinha um momento junto com os instrutores, a roda, aí eles apresentavam as atividades para gente e eu me lembro que era sempre assim é duas atividades de esportes, duas atividades de artesanato e a gente tinha que escolher a primeira atividade que a gente iria fazer no primeiro momento depois do lanche começava o segundo momento e a gente ia para atividade

diferente dá qual a gente tava. Era sempre nesse formato. De terça a sexta. (Atividades anteriores) Nada Nada. Era só a escola formal mesmo e nada mais.

**3. Programa Curumim** (Relações (educadores, participantes, funcionários, frequentadores). Atividades. Viagens. Passeios. Amizades. Recordações. Influência na infância (social e escolar))

(Atividades) Todas as atividades esportivas eram as que eu gostava. Ai, se lá, uma as brincadeiras cantadas. É que tipo assim, desde a época de escola eu sempre fui mais envolvida com esporte. Mas assim o que me marcou muito foram as brincadeiras cantadas. Mas de cabeça assim eu não lembro mais nenhum nome específico. Queimada, futebol, que eram coisas assim, que tinham muito sabe? Mas, eu já conhecia antes de lá.

(Relação educadores) A relação com os professores, cara. Era muito aberta e a gente brincava muito. A gente tinha liberdade pra falar, pra reclamar, pra pedir e tinha muito respeito né. É diferente da relação eu já tive com os meus alunos. Era muito, uma coisa muito gostosa, muito natural parecia que a gente era todo mundo sobrinho deles. Pra mim é essa sensação que eu tenho. Era muito gostoso porque era muito leve a relação, não tinha cobrança...Cobrança tinha... Eu não consigo explicar de tão bom que era, não encontro adjetivos pra colocar nessa relação. Porque ele cuidava muito bem da gente, é... Ensina a gente... E fluía assim sabe? Não sei explicar menina, tô ficando desesperada de não achar um adjetivo pra te dizer.

Na escola era uma relação mais assim chata, era uma coisa assim pesada. Acho que é muito por conta do formato da escola né. Aquele negócio de carteira uma atrás da outra, de ter que ficar em silêncio, não poder nem se mexer na carteira, na cadeira. Puxa, criança quer se mexer, se movimentar, quer falar, quer ver, quer criar. E na escola a gente não tem essa liberdade né. Eu desde daquela época eu falava pra minha mãe, que escola é falido, o sistema educacional brasileiro pra mim é falido, não mudou nada desde décadas de bolinha e não muda até hoje. Então pra mim a diferença era essa, porque a relação com os professores da escola era muito chata e no Curumim não a gente já tinha uma liberdade pra poder falar, pensar, questionar. Essa era a diferença que eu já vi desde pequenininha.

(Relação com participantes) Eu acho que eu falava todo mundo, porque é... Eu tenho amigos que eu conheci lá e seguem até hoje. Na verdade são quatro pessoas no caso. Mas, era bem legal, bem bacana. Nunca briguei com ninguém, ninguém

nunca brigou comigo. Porque na escola tive problemas...Na escola e no Curumim eu não tive.

(Viagens, passeios) Sim, conhecemos Bertioga, núcleo Santa Virgínia, Sesc Belenzinho, foram três lugares diferentes assim. Bem bacana. Porque quando a gente tem oportunidade de viajar a gente conhece lugares e pessoas né. E cada relação nova que a gente faz é a experiência né. Vivência. Eu consigo, falando dessas viagens, eu consigo lembrar muito bem e com clareza o que eu vi, o que eu conversei com as pessoas. Na minha infância não (teria condições), tratando-se de infância, de idade de 7 a 12 anos eu não ia ter oportunidade não. Com a escola não, com a família mesmo só passei em Taubaté, entende? Com a família não porque por conta da dificuldade financeira que a minha família tinha e se eu for pensar assim com a família mesmo eu fiz dois passeios. Coisas que o Curumim que proporcionou muito mais.

#### **4. Saída do Programa (Idade. Motivo. Recordações)**

É que eu faço aniversário em janeiro né. Aí quando eu ia para o meu quarto ano já estava com 12 anos. Acho que eu não pude participar, não sei.

Eu fiquei muito triste, quando eu soube que eu não ia poder voltar mais, foi pesado. Parecia que eu era uma criança assim... Que se eu saísse de lá, ia ficar desamparada, ia ficar perdida. Mas, depois eu vi que não foi, mas assim quando eu soube que eu não ia poder mais participar, foi esse sentimento que eu tive. De tristeza mesmo, de perda. Sabe? Depois super me adaptei. Quando eu queria eu aparecia lá no Sesc, me infiltrava nas atividades. Assim... É claro, os professores me colocavam limites. Você vai até aqui, daqui não dá mais pra você participar, pode ir embora pra casa. Era assim. E depois também na minha fase adulta eu trabalhei né no Curumim por um tempo de temporária né. (risos) Aí eu não consigo... (risos) Olha, pra minha vida profissional foi muito gratificante. Foi tipo a realização de um sonho, porque pro Curumim eu fiz um processo seletivo só e não tive oportunidade de fazer mais e não passei. Aí quando surgiu a oportunidade de trabalhar de temporária, nossa, eu agarrei com unhas e dentes. (risos) E foi legal que teve troca né, de conhecimento profissional, troca de conhecimento da vida assim... Foi muito legal mesmo.

Então tudo que eu desejava que as crianças pelas quais eu estava responsável é que elas vivessem as experiências delas. Eu não ficava me preocupando em passar para elas o que eu vivi porque eu entendo que cada ser humano é diferente, cada um

tem sua experiência, cada um tem a sua vida. A gente pode fazer a mesma atividade, mas eu vou ter um tipo de experiência e você vai ter outra.

E eu fiquei muito feliz porque sabe o D...? Eu fiquei muito feliz, porque quando eu cheguei lá e a gente sentava pra montar as atividades juntos, ele falava caraca E... da onde você aprendeu isso, tá trazendo muita coisa nova. Pra mim, isso foi um máximo. De eu saber que eu tava ensinando algo novo pra eles e ao mesmo tempo tudo que vinha deles pra mim também era muito novo. Então, foi surreal, assim sabe? Foi como um sonho realizado, satisfação pessoal. Foi ótimo.

**5. Vida após o Programa** (Outros projetos, atividades. Relações (educadores, participantes, egressos, funcionários, instituição). Repercussões (social, escolar e profissional))

Ah, então o que me marcou assim foi a opção de escolha da minha graduação né. Se não fosse o Curumim eu não ia fazer Educação Física. Te juro por conta do Z..., não sei se você já ouviu falar? Então ele era meu professor de educação física na escola, era professor no Curumim. E a gente tinha um contato muito próximo e tipo muito do que eu sou, eu me espelhava no Z..., na M... que eram de Educação Física. E eu amava eles de paixão, amava as atividades então eu escolhi educação física, por tudo que eu vivi no Curumim. É até estranho falar.

Depois de adulta? No caso muitas rodas cantadas eu trouxe pra minha profissão, pras minhas aulas, o meu jeito de me relacionar com os meus alunos eu também peguei do jeito que os professores do Curumim se relacionavam comigo. Então essa questão de postura, de da aula, eu meio que copieei dos professores. A palavra certa é inspiração.

(Relação com Sesc) Ah sim, eu frequento o Sesc desde...O Sesc nasceu junto comigo né. O Sesc Taubaté no caso né. Em 89 tava a E... nascendo e o Sesc sendo construído. Mas, enfim o Sesc me proporcionou uma coisa muito legal, no sentido assim, de eu me preocupar com a minha saúde, física, mental. De higiene bucal, é tudo...Devo ao Sesc. Praticamente cresci lá dentro. Muito tempo, desde que eu me entendo por gente, eu vou ao Sesc. E até dias antes de me mudar para Campo Grande Mato Grosso do Sul, eu tava fazendo a minha matrícula do Sesc Taubaté.

Pelas atividades, é um conjunto né, peça de teatro, tinha curso de culinária, artesanato, a sala de ginástica multifuncional, a piscina. Então, uma coisa agrega a outra o espaço é bem cuidado, bem administrado e as atividades que são oferecidas

são ótimas. São coisas que eu gostava shows, festa junina... Hoje em dia não tem mais festa junina no Sesc Taubaté. A soma de tudo...

(Repercussões) Significou a construção do meu eu né. De quem eu sou. Porque não tem como falar da E... e não falar do que ela viveu no Curumim. Não tem. Eu gosto muito. Eu falo muito pras pessoas até hoje...Quando eu fazia Curumim...Sabe? Tá cravado em mim. Esse meu jeito de ser, eu devo ao Curumim. É... De eu saber que eu tenho que me posicionar na política, de eu saber que eu tenho que me posicionar perante uma situação de injustiça... É todo esse senso que eu tenho de justiça, de relacionamento. Eu não consigo explicar...

AAAh, eu fui estagiária do Sesc também. Quando eu tava no segundo ano de faculdade, não...No terceiro e no quarto ano de faculdade, eu fui selecionada pra ser estagiária do esporte. Eu tinha esquecido menina. (risos) Eu fique dois anos como estagiária do esporte, eu não sei se ainda é do mesmo jeito, eles (estagiários) ficam rodando, tem hora que tá na iniciação esportiva, tem hora que tá no Curumim, tem hora que tá na sala de ginástica, não sei mais se fala sala de ginástica. E quando eu passei pelo Curumim, eu acho que fiquei um bimestre, que na minha época ainda era bimestre, não era semestre. E foi muito legal. Mas eu...Como eu era estagiária eu acho que eu me deixei levar mais pro lado das crianças. Então, eu era uma molecona. E esses dois meses que eu passei como instrutora do Curumim, foi depois de formada.

(Recordações) Uma não, várias, mas se eu pudesse te dizer uma, foi o meu passeio pro núcleo Santa Virgínia. É o que mais tá sorte assim na minha cabeça do jeito que ele foi, o ocorrido, as coisas que aconteceram naquele dia. A gente viu onça, sabe? Foi assustador, é esse dia, é esse dia só que é muito forte dentro de mim. Ah, então foi por causa do que a gente viu dentro do núcleo né de ver onça, de ver cobra. Até o guia turístico falou gente normalmente não acontece do grupo ver uma onça, não acontece do grupo ver uma cobra.

A informalidade, no sentido de você aprender e não precisar de uma carteira. De uma rigidez. Na verdade não é a informalidade, é a liberdade. Tinha muita liberdade, eu não sei se era uma coisa conduzida, porque eu lembro que quando eu fui instrutora que eu conduzia muitos os alunos, os alunos não, os curumins. Eles achavam que eles tinham liberdade pra tudo né mas não era, era aquela coisa direcionada né. Mas enfim, eu acho, que é isso liberdade e informalidade. Não consigo dizer uma palavra só. Toda essa riqueza de atividades que o Sesc fornece é o mais marcante assim pra mim

(Repercussão social) Eu tinha dificuldade em partilha. É porque assim, quando eu era mais novinha a minha família não tinha condições financeiras muito boa. Então por exemplo chegava uma bolacha em casa, eu achava que eu podia comer sozinha. E no Sesc não, eu aprendi a partilhar. E hoje isso é uma coisa muito forte em mim, esse sentimento de partilha, de doação. Veio de lá, é isso que eu posso dizer para você, o Curumim me ensinou a partilhar.

É o meu sonho voltar pra Taubaté só para minha filha fazer Curumim no Sesc Taubaté. Mas eu iria incentivar com certeza. Iria não, eu incentivo já os filhos dos meus amigos, meu sobrinho mesmo quero que participe.